



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ISABEL MARIA SILVESTRE VITORINO

**Uma reflexão em torno da Unidade Letiva "Jesus,
um homem para os outros" do 6º ano de
escolaridade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**
MESTRE Cristina Sá Carvalho
Professor Doutor Alexandre Palma

Lisboa
2019

RESUMO

Tendo como ponto de partida a prática de lecionação supervisionada realizada no Colégio Amor de Deus e especificamente a lecionação da Unidade Letiva 2 “Jesus um homem para todos”, inserido no currículo de 6ºano, apresento no seguinte relatório um percurso reflexivo sobre a educação em Portugal, aprofundando a relevância do ensino religioso escolar, em específico no colégio Amor de Deus e culminando na importância pedagógica para o aluno, da UL 2.

A UL 2 “Jesus um homem para todos” centraliza o seu grande objetivo no dar a conhecer, ao discente, Jesus como o centro do cristianismo e do catolicismo e para tal é essencial que o docente conheça a sua história, o seu estilo de vida e o tenha como exemplo, logo é igualmente relevante reconhecer a pedagogia de Jesus, que hoje ainda é seguida por muitos. Nesta sequência para a transmissão dos valores cristãos é essencial que os discentes se revejam no exemplo atual e vivo da imagem de Jesus, especificamente o Papa Francisco, sendo assim, igualmente apresentado neste relatório o poder do seu exemplo, no que se refere ao seu impacto na sociedade, a sua visão da pedagogia e o seu paralelismo com Jesus, que foi um marco na história.

Palavra chave: Jesus, Papa Francisco, Pedagogia, Mestre, Educação, Exemplo.

ABSTRACT

Departing from the supervised teaching activities at the “Colégio do Amor de Deus” and specifically the teaching of Teaching Unit (TU) 2 “Jesus um homem para todos” in the sixth grade curriculum, this report presents a speculative journey about education in Portugal, stressing the relevance of religious teaching in schools, particularly at the “Colégio do Amor de Deus” and highlighting its pedagogical importance for the student, of TU 2.

TU 2 “Jesus um homem para todos” centralizes its main objective on presenting Jesus to the student as the centre of Christianity and Catholicism and, to that end, it is essential that the teacher knows His history, mode of life and has Him as an example. As such, it is equally relevant to recognize Jesus’s pedagogy, which is still followed today by many. Consequently, it is essential to the transmission of Christian values that the students can relate to the present and living example of Jesus’s image, specifically Pope Francis, highlighting the impact of his pedagogy and parallelisms with Jesus, of great historical importance, on society at large. This example of Pope Francis is also presented in this report.

Keywords: Jesus, Pope Francis, Pedagogy, Master, Education, Example.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido ao longo deste ano em particular, mas não podendo deixar de referir também o primeiro ano de Mestrado, foi de grande esforço pessoal e familiar. Somos um todo e cada decisão influência não só a nós, como também quem nos rodeia e está mais próximo e por isso mesmo, o meu primeiro agradecimento só poderá ir para os meus pais e irmã, que me acompanharam neste percurso e que souberam ter calma e estar ao meu lado nos momentos de maior trabalho que me obrigava a distanciar-me deles. Igualmente, agradeço aos meus amigos que tanto ouviram as minhas tristezas e se alegraram com as minhas conquistas mesmo apesar de muitas vezes não conseguir acompanhá-los como desejaria.

Neste ano em particular tenho de deixar o meu agradecimento ao meu professor cooperante Bento Oliveira e à minha colega de estágio Sandra Bartolomeu por toda a amizade e força que me deram para evoluir e construir-me como melhor pessoa e profissional.

Por último, agradecer à turma e aos amigos que criei neste grupo que sem dúvida mostrou ter um coração cristão e ser exemplo dos valores que queremos transmitir futuramente aos nossos alunos.

SIGLAS E ABREVIATURAS

Ed. Soc	: Educação & Sociedade
EMRC	: Educação Moral e Religiosa Católica
ERE	: Ensino Religioso Escolar
PES	: Prática de Ensino Supervisionado
TU	: Teaching Unit
UL	: Unidade Letiva

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I- A EDUCAÇÃO E A EMRC NA ESCOLA.....	11
1.1. Algumas notas sobre educação	11
1.2. O Ensino Religioso Escolar, em particular a EMRC no Colégio Amor de Deus	13
1.3. <i>A Unidade Letiva 2- “Jesus um homem para os outros”</i>	26
1.4. <i>Jesus na Unidade Letiva 2- “Jesus um homem para os outros”</i>	29
CAPÍTULO II- JESUS CRISTO MESTRE E PEDAGOGO.....	34
2.1. Contexto histórico de Israel no tempo de Jesus.....	34
2.1.1. O Contexto Político.....	34
2.1.2. O Contexto Religioso	37
2.1.3. O Contexto Social.....	44
2.2. <i>Estilo de vida de Jesus e dos seus discípulos</i>	46
2.3. <i>Reconhecimento de Jesus como Mestre</i>	51
2.4. <i>Pedagogia de Jesus</i>	55
CAPÍTULO III- O PODER DO EXEMPLO DO PAPA FRANCISCO.....	61
3.1. O exemplo do Papa Francisco	63
3.2. Visão do Papa Francisco sobre a pedagogia.....	72
3.3. Jesus, um marco na história, Papa Francisco, exemplo vivo.....	79
CONCLUSÃO.....	85
BIBLIOGRAFIA	91

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição imprescindível na consolidação das sociedades, ao exercer a sua área de ação na transmissão de uma grande diversidade de conhecimentos e competências ao nível da justiça social, na igualdade, na solidariedade e em princípios sociais e éticos.

Aprender e ensinar são os dois processos que fundamentam a vida escolar e que se centram no desenvolvimento do currículo, do ensino e da aprendizagem dos alunos. Para tal, é necessário o empenho e o trabalho ativo dos alunos e o seu reconhecimento pela hierarquia escolar. No entanto, o ensinar exige também ao professor a mobilização de uma significativa variedade de conhecimentos e competências, ou seja, a escola deve empenhar-se em transmitir um conhecimento especializado, que Michael Young designa por conhecimento poderoso e que descreve como,

“o conhecimento independente de contexto ou conhecimento teórico. Ele fornece generalizações e busca universalidade. Ele fornece uma base para se fazer julgamentos e é geralmente, mas não unicamente, relacionado às ciências. É esse conhecimento independente de contexto que é, pelo menos potencialmente, adquirido na escola e é a ele que me refiro como conhecimento poderoso.”¹

O autor ressalva que o conhecimento de que os alunos são já detentores deve ser tido em conta, mas estabelece uma forte hierarquia entre estes conhecimentos e sobrevaloriza o conhecimento teórico.

Neste sentido, cada uma das disciplinas escolares existentes no currículo são de extrema relevância, pois é através delas que os alunos contactam com saberes que não obteriam noutra lugar. Logo, é essencial e fulcral que os docentes apresentem um conhecimento profundo e estável dos conteúdos por si lecionados. Para tal, Nick Gibb refere, na Cimeira Internacional da Profissão docente que é prioritário,

¹ M. YOUNG, “Para que servem as escolas?”, *Educação e Sociedade*, V.28, n.º 101, set./dez. 2007, 1296.

“conceder poder aos professores para colocarem em prática métodos de ensino bem documentados. Precisamos de garantir que os professores têm conhecimento atualizado da ciência cognitiva e das suas implicações quer para o que se ensina, quer para o modo como se ensina.”²

O Secretário de Estado da Educação do Reino Unido reforça ainda a importância do professor e a necessidade de fortalecer a sua autoridade perante os alunos, bem como de ser um detentor de conhecimentos atualizados e cimentados, para que possa transmitir de forma clara e correta todos os conhecimentos de que os alunos deverão ser detentores, pois

“conhecimento gera conhecimento. Não basta dar aos alunos os instrumentos para descobrirem conhecimento. Décadas de investigação dizem-nos que, para compreender e reter informação nova, os alunos têm de deter conhecimento prévio com o qual associar essa informação.”³

Tendo como base o anteriormente apresentado, mostra-se pertinente, em primeiro lugar, que a formação de docente seja exigente e que todos os professores apresentem uma formação pedagógica e científica, no caso específico de professores de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), em teologia ou ciências religiosas e que esta seja coerente e de qualidade para que possam dar resposta a todos os desafios colocados na prática da lecionação. Em segundo lugar, requer-se que sejam professores reflexivos e que dediquem parte do seu tempo a evoluir nos seus conhecimentos, permanecendo atualizados e enquadrados na sociedade que os engloba e lhes exige uma resposta adequada de acordo com o seu estatuto.

Este relatório da prática de ensino supervisionado (PES) pretende ser assim uma oportunidade para refletir sobre a segunda unidade letiva “Jesus, um homem para os outros” do 6º ano, em específico no testemunho/exemplo de Jesus, bem como na importância do testemunho do Papa Francisco, exemplo e modelo de cristão, utilizado como tal na lecionação da unidade letiva de referência. Para tal, o relatório está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo pretende apresentar o ensino em Portugal, particularizando o ensino de EMRC e a lecionação

² N. GIBB, Dossier Educação, *Nova Cidadania*, Ano XIX, n.º 62, Verão 2017, 31.

³ *Ibidem*, 30.

no Colégio Amor de Deus, bem como a segunda unidade letiva, do 6ºano, “Jesus, um homem para os outros”, unidade através da qual surgiu o desafio de expor e refletir sobre o testemunho de Jesus Cristo e forma como se tornou e foi considerado Mestre pelos que o rodeavam e, ainda, o impacto que o Papa Francisco tem na sociedade em geral e particularmente como é exemplo vivo de Cristo e exemplo para os jovens.

O segundo capítulo será dedicado a refletir sobre o testemunho de Jesus e de Jesus como Mestre, indo de encontro à meta “E. Identifica o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”⁴, da unidade letiva 2, de 6ºano. Assim, pretende-se efetuar um percurso sumário no que se refere ao contexto histórico de Israel no tempo de Jesus, o seu estilo de vida e dos seus discípulos, o reconhecimento de Jesus como Mestre e a sua pedagogia.

O terceiro capítulo será dedicado à importância da utilização de exemplos de modelos de vida na lecionação, próximos dos alunos, ou seja, da atualidade, como o Papa Francisco, para a concretização da meta “M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano”⁵, que apresenta como objetivo “mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento bem situações do quotidiano”⁶. Esta relevância de expor e refletir sobre a utilização do exemplo do Papa Francisco na lecionação da unidade letiva baseia-se na extraordinária receção dos alunos, bem como no facto de os mesmos terem facilmente recordado o seu exemplo em aulas posteriores, mostrando assim ser uma boa estratégia pedagógica. Para uma melhor compreensão e fundamentação é essencial compreender e aprofundar conhecimentos sobre o impacto do Papa Francisco na sociedade em geral. Bem como, compreender a própria visão do ensino, da pedagogia e de Jesus como Mestre do Papa Francisco.

⁴ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Almondina, Moscavide, 2014, 66.

⁵ *Ibidem*, 66.

⁶ *Ibidem*, 66.

A primeira educação é realizada no seio familiar, sendo a família o elo de integração do indivíduo na sociedade, tanto pelo seu caráter de “centro de convivência”, na qual o indivíduo se desenvolve e aprende a relacionar-se com os outros, bem como sendo a primeira e principal transmissora de valores e expectativas.

Contudo, na atualidade, a exigência social leva a que inúmeras famílias não consigam cumprir totalmente com o seu papel de primeiro e principal educador, compartilhando e/ou delegando na escola esta responsabilidade educativa. Assim, o professor é uma referência, bem como todos os exemplos de vida que ele apresenta ao aluno. Partindo desta consciência, julgo fundamental, como docente, compreender o impacto dos exemplos que refere na sua lecionação, pois como António Esclarín refere: “o principal objetivo de toda a educação genuína é ensinar a amar. Educar é amar e amar é ensinar a amar, a sair de si mesmo, a dar-se sem esperar nada em troca e sem gerar dependências.”⁷ António Esclarín refere igualmente que

“uma proposta educativa genuinamente cristã deve promover a formação integral das pessoas, de modo que possam desenvolver todas as suas potencialidades e se constituírem nos protagonistas do projeto das suas vidas para chegar à plenitude de filhos do Pai e irmãos de todos, e deste modo vão construindo o Reino de Deus na terra, uma sociedade nova, sustentada sobre a justiça, a liberdade e o amor ao serviço.”⁸

Deste modo, é fundamental que o professor seja um elemento reflexivo e consciente do papel ativo na formação integral do aluno e que apresente como foco ajudar cada um dos discentes a realizar a sua missão de vida, a desenvolver todas as suas potencialidades e a alcançar a sua plenitude. O docente não se limita a ensinar programas, conteúdos e a desenvolver competências, apresenta igualmente grande impacto na vida do aluno, ou seja, como ele a vê, como ele a defende, como ele a dá e como ele a vive. Para tal, o professor terá de ser uma pessoa em constante formação e que procura dia a dia ser melhor para promover a evolução

⁷ Cf. A. ESCLARÍN, *Jesús Maestro y Pedagogo*, Paulinas, San Pablo, 2008, 42.

⁸ *Ibidem*, 54.

dos alunos, bem como contribuir para a construção de um novo mundo, o Reino de Deus na Terra.

CAPÍTULO I- A EDUCAÇÃO E A EMRC NA ESCOLA

1.1. Algumas notas sobre educação

A educação é constantemente confrontada com reformas, umas mais consensuais, outras mais contestadas e/ou mais profundas. Porém, o grande desafio de dar resposta à questão “Para que serve a escola hoje?”, requer que exista uma reflexão do contexto onde a escola se insere e sobre o “desenvolvimento económico” da sociedade, pois o que está “em causa é um fenómeno global, que afeta a sociedade, a cultura, as instituições, os hábitos, a vida, em todas as dimensões.”⁹ Assim, a escola como instituição é também afetada por este desenvolvimento económico.

Se a sociedade sofre alterações a escola será obrigada a alterar a sua estrutura. Atualmente a estrutura da escola tradicional, que se definia

“pelo seu carácter de instituição de socialização secundária que partia do suposto que o núcleo básico da personalidade e da incorporação na sociedade já estava adquirida e concentrava a sua função na preparação para a integração social, isto é, em disponibilizar informações, conhecimentos, valores, atitudes, etc., cada vez mais especializados que correspondiam ao desempenho de papéis sociais, relativamente, estáveis, ordenados hierarquicamente,”¹⁰

não consegue corresponder às necessidades educativas contemporâneas, pois a família não cumpre o seu papel como anteriormente.

O desenvolvimento desencadeou novas exigências que a levaram à incorporação na educação, da tarefa da formação da personalidade, em que a escola terá como função o desempenho produtivo e o desempenho da cidadania, que preveem e necessitam que os discentes evoluam numa série de capacidades, nomeadamente pensamento sistémico, solidariedade, criatividade,

⁹ J. NEVES, *55 perguntas sobre a Economia do nosso tempo*, Difusão Cultural, Lisboa, 1995, 21.

¹⁰ Cf. J. TEDESCU, *O Novo Pacto Educativo – educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2000, 114.

capacidade de resolver problemas, capacidade de trabalhar em equipa, ou seja, competências que não podem ser meramente adquiridas como conhecimentos por não serem de formação espontânea. Este desenvolvimento da personalidade gera ainda outro desafio escolar, no qual a escola é chamada a ensinar a cada um dos alunos a igualdade perante as identidades: sexo, religião e cultura, com o objetivo de suprimir as desigualdades, ou seja, a escola pretende a criação da unidade entre as várias culturas representadas na escola, para que seja alcançada uma mente pública, que “visa estimular os alunos a estimar algo para além de si mesmos, existindo assim uma narrativa globalizante que faz uma utilização construtiva e unificadora da diversidade.”¹¹

Contudo, a escola não abandona a sua função cognitiva, porém não pode manter os seus padrões tradicionais de transmissão e acumulação de informação. Esta é chamada a definir estratégias para promover entre os alunos o desejo de querer saber, mostrando a razão para tal, “não há modo mais certo de levar o ensino ao seu fim do que não o dotar de um fim.”¹² Terá ainda, de fazer “face à sobre informação circulante e ainda construir os quadros de referência para o processamento da informação disponível,”¹³ pois só através de uma narrativa aceitável, com significado, poderosa e inspiradora, alunos e professores terão um guia e objetivos claros. No entanto, esta narrativa ou currículo não poderá ser baseado na utilidade económica, pois não possui a capacidade de apresentar razões satisfatórias para o ensino, não se mostrando credível para os alunos.

Por último, mantém a sua função de integração social, no qual pretende preparar o aluno para o desempenho de papéis hierarquicamente definidos, através de trabalhos em equipa, exercícios de solidariedade e de conhecimento e respeito das diferenças.

¹¹ N. POSTMAN, *Fim da Educação – Redefinindo o Valor da Escola*, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2002, 97.

¹² *Ibidem*, 19.

¹³ Cf. J. TEDESCU, *O Novo Pacto Educativo – educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, 119.

Em suma, a escola pretende a formação da personalidade, que “consiste em fixar os pontos de referência que permitam a cada um escolher e construir a sua ou as suas múltiplas identidades”¹⁴; a formação cognitiva, em que os seus métodos de ensino terão de ultrapassar as barreiras impostas por ritmos diferentes e discentes com desenvolvimento e capacidades cognitivas plurais e a integração social, que prevê a capacidade de trabalho em equipa e o desenvolvimento de competências relacionais. Assim, ao assumir estas funções educativas, a escola reestruturou todas as dimensões da instituição escolar, desde a definição do currículo, até aos critérios de avaliação e o pessoal docente, pois “a escola tem de apresentar uma narrativa que possua credibilidade, complexidade e poder simbólico suficientes para permitir que o indivíduo organize a vida em função dela”¹⁵ e crie uma cultura coerente, estável e una, mesmo sendo a sociedade constituída por diferentes tradições, línguas e religiões.

1.2. O Ensino Religioso Escolar, em particular a EMRC no Colégio Amor de Deus

No decorrer da história sempre existiram questões relativas ao ensino religioso e a sua relação com a escola. Nos finais dos anos oitenta, assim como na atualidade existem

“interrogações sobre se a Escola, enquanto instituição que tem um papel crucial nos processos de transmissão cultural, poderia e deveria integrar, como estratégias próprias, a questão religiosa nos itinerários educativos que é chamada a gerir.”¹⁶

Neste sentido é crucial definir concretamente o que se pretende com o Ensino Religioso Escolar (ERE). Assim,

¹⁴ Cf. J. TEDESCU, *O Novo Pacto Educativo – educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, 119.

¹⁵ N. POSTMAN, *Fim da Educação – Redefinindo o Valor da Escola*, 20.

¹⁶ A. TEIXEIRA, A cultura religiosa na Escola, *Pastoral Catequética* 5, 2006, 41.

“o ERE aprofunda a dimensão religiosa da pessoa, ajuda-a, mediante o confronto com a origem e o fim da vida, a procurar a sua identidade, a consolidar a sua personalidade, maturidade pessoal, social e moral e cria uma relação moral que se repercute na formação de homens ativos e íntegros.”¹⁷

Compreendendo a importância de um espaço de reflexão sobre os valores humanos e a formação integral da pessoa humana e partindo do pressuposto que a EMRC pretende permitir, na escola, a realização do desenvolvimento e maturação do ser humano, sendo onde ele se descobre, reconhece e se assume como pessoa com identidade própria, sendo capaz de se relacionar com os outros, com o mundo e com a transcendência e que esta servirá como chave de leitura dos acontecimentos do mundo como forma de levar o aluno a encontrar a sua própria chave de leitura com a qual se construirá a si e ao mundo que o rodeia, a proposta do Colégio Amor de Deus apresenta uma valorização do caminho da fé para educação dos alunos, alcançando assim, o objetivo de a escola ser um local com um espírito de família, de ser dada importância ao aluno no seu crescimento integral e autonomia e ainda, que o aprender a crescer em responsabilidade, em rigor, em autenticidade, em respeito para com todos sempre baseados no amor, na verdade e no bem.

Mais concretamente, o Colégio Amor de Deus, local onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada, localiza-se em Alcabideche, concelho de Cascais e distrito de Lisboa. Atualmente, o concelho de Cascais tem cerca de 206.479 habitantes, ocupando o segundo lugar na lista de concelhos onde o setor terciário tem maior importância, sendo o primeiro Lisboa. O concelho de Cascais é ainda zona de grande atividade turística, uma das principais do país.

No que se refere à composição social, Cascais apresenta uma assimetria entre os residentes do interior litoral e os residentes no norte, sendo estas pessoas de menores rendimentos e qualificação profissional.

¹⁷AA.VV. *Ensino Religioso Escolar*, Instituto Superior de Ciências Religiosas a Distância “San Agustín”, Madrid, 2004.

O Colégio Amor de Deus situa-se na Avenida de Sintra, na convergência da freguesia de Alcabideche, Estoril e Cascais, sendo das mesmas que proveem a maioria dos mil duzentos e setenta e cinco alunos que frequenta o colégio, entre o Pré-Escolar e o 12º ano.

Em termos jurídicos, administrativos e pedagógicos, o Colégio Amor de Deus enquadra-se na categoria de Ensino Privado e Cooperativo, regulamentado pelo Estado Português (Decreto – Lei 553/80). Deste modo, apresenta autonomia organizativa e pedagógica (Portaria nº59/2014) para a elaboração de uma oferta educativa particular e tal como afirma Arends: “Permitir que os pais escolham as escolas dos seus filhos desafia o conceito tradicional de ensino público standardizado.”¹⁸

O colégio identifica-se como uma escola católica e apresenta um Projeto Educativo que proporciona uma opção cristã. Segundo o ideário do fundador das Escolas Amor de Deus, Pe.

Jerónimo Usera, a educação é entendida como uma expressão do Amor gratuito de Deus por cada pessoa, e a escola como um espaço onde “o Amor - à imagem do Amor de Cristo, - a exigência e o rigor pedagógicos assumissem um papel determinante no processo



Fig.1- logótipo

educativo.”¹⁹ A ação educativa do Colégio parte, assim do princípio que “só pode aprender corretamente, a criança que se sentir amada”²⁰. Atualmente, o colégio faz-se representar por um logótipo (fig.1), que representa a filosofia educativa do Colégio. Elaborado a partir do escudo da Congregação das Religiosas do Amor de Deus, a

“função pictórica e simbólica do atual escudo, consiste na adoção do quadrado como símbolo de unidade, equilíbrio e proteção; o retângulo, resultante da transformação do quadrado acrescentando um crescimento vertical; a curva sinuosa, como que o saber adquirido em todos os domínios e ao longo da vida cheia de obstáculos, nos orienta rumo a uma paz universal (o ramo de oliveira); a cruz, traduzida na presença da fé cristã.”²¹

¹⁸ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008, 42.

¹⁹ COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus* - 2016, 1.

²⁰ *Ibidem*, 6.

²¹ COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular 2017-2018*, 8.

No que concerne à sua organização, sendo um colégio de ensino privado, ele apresenta na sua estrutura diferentes órgãos, contrariamente a uma escola de ensino público. Assim o Conselho de Administração é constituído pela Diretora geral, Diretora Pedagógica, Superiora da Comunidade e Administradora. A Direção Executiva, apresenta um Diretor Geral, um Diretor Pedagógico e os Coordenadores da Pré-escolar, de Pastoral, a Superiora da Comunidade e Administradora. Existe ainda, o Conselho Pedagógico sendo constituído pelos coordenadores de Pastoral, do pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo, Secundário e serviços especializados de apoio educativo e ainda pelos departamentos de Português, Ciências Experimentais, Educação Física, Ciências Sociais Humano- Sociais, Línguas Estrangeiras, Ciências Exatas, Artes e de Educação Religiosa e Religiosa Católica, sendo aqui notória a relevância dada à disciplina na escola, pela presença específica num órgão de gestão do Colégio.

O colégio apresenta igualmente como particularidade a utilização de equipamento identificativo, nomeadamente farda, equipamento de educação física do colégio, bem como, cadernos, dossier e respetivas folhas identificativas do colégio.

Em termos físicos, o colégio possui uma sala fixa para cada uma das suas cinquenta e cinco turmas e em termos de espaços comuns específicos, apresenta: um laboratório de Física e Química, um laboratório de Biologia; quatro salas de Artes Visuais e Educação Tecnológica; um pavilhão e campos desportivos exteriores para Educação Física; um laboratório de Informática; a Biblioteca, a Capela e Sala de Professor e espaços de recreio. No que se refere a funcionários conta com oitenta funcionários docentes e noventa funcionários não-docentes.

Em termos de organização pedagógica o Colégio Amor de Deus apresenta um programa de ocupação plena dos tempos escolares, oferecendo para tal, aulas de substituição, atividades de enriquecimento curricular, aulas de apoio e projetos de Escola e os alunos com dificuldades de aprendizagem, sinalizados pelo Conselho de Turma e referenciados aos órgãos de administração e gestão da escola, são avaliados por uma equipa multidisciplinar, constituída pelo Diretor de Turma, Psicóloga, entre outros elementos que sejam oportunos, uma vez que,

conforme afirma Arends, a direção da escola reconhece a extrema importância deste processo de diagnóstico das necessidades:

“Uma atenção pronta e positiva aos casos excepcionais, a realização de um programa relevante, o uso de estratégias próprias para alunos com necessidades especiais e a utilização dos recursos dos professores e técnicos da educação especial, são requisitos necessários a um ensino eficaz.”²²

A nível da estrutura curricular, o Colégio fundamenta-se nas orientações dadas pelo Ministério da Educação, operacionalizando-as de acordo com as necessidades detetadas e com a promoção do sucesso educativo e académico dos alunos, utilizando a autonomia administrativa e pedagógica que a legislação lhe oferece, por ser uma instituição que se enquadra na categoria de Ensino Privado e Cooperativo. No que se refere ao 2º ciclo, especificamente ao 6º ano, ano lecionado na prática educativa supervisionada, a organização curricular e a distribuição das cargas horárias realizam-se de acordo com a organização curricular do Decreto-Lei nº 139/2012 e Portaria nº59/2014. Contudo, com obrigatoriedade de frequência na disciplina de EMRC.

O Projeto Educativo do Colégio do Amor de Deus apresenta ainda uma outra particularidade: a contemplação de uma proposta pastoral que acompanha e envolve todo o percurso de aprendizagem regular. No entanto, a escola respeita a livre determinação religiosa de todos os seus membros, contando que respeitem a identidade da instituição, que assenta a sua tarefa educativa no Evangelho e no explícito anúncio do mistério da salvação de Cristo. A escola procura assim

“(…) no respeito pela liberdade e convicções de cada um, oferecer a todos os membros da Comunidade Educativa, e especialmente aos seus alunos, a possibilidade de fazerem das suas vidas um projeto com sentido, na linha da mundividência cristã, de acordo com a pessoa de Jesus Cristo e com a sua mensagem. Queremos também contemplar a globalidade da pessoa, procurando criar e manter um ambiente em que se acolha o Dom da fé e se faça um itinerário de

²² R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 56.

crescimento progressivo no qual se exprimam atos coerentes, de modo que, tanto a nível pessoal como da comunidade escolar, se evidenciem os caracteres cristãos que proclamamos.”²³

No que se refere às linhas orientadoras anuais, a escola apresenta o tema “Ser + Revalorizate” com o objetivo geral de “Viver os valores Evangélicos para Ser + Pessoa e uma Boa Notícia para os Outros”²⁴. Para tal, cada mês é dedicado a um valor: setembro – Acolhimento; outubro – Compromisso; novembro – Humildade; dezembro – Alegria; janeiro – Paz; fevereiro – Justiça; março – Perdão; abril – Solidariedade; maio – Verdade; e, junho – Gratidão.

Todo este percurso pretende alcançar o primeiro e fundamental objetivo educativo do Colégio Amor de Deus: “fazer de cada aluno um ser integral, segundo o pensamento humanista cristão que tem Cristo por supremo modelo.”²⁵ Para tal, o Projeto Educativo baseia-se em três pilares principais, que devem caracterizar a sua identidade, nomeadamente: o espírito de família, a importância do aluno: o seu crescimento integral e a formação da sua autonomia e o crescimento da responsabilidade, do rigor, da autenticidade, do respeito para com todos, baseado no amor, na verdade e no bem.

Segundo Lopes, Mendes e Faria, a cultura refere-se às “teias de significados tecidas pelo homem ao longo da sua existência. Tudo o que envolve o homem e que é adquirido e significado por ele ao longo de sua vida a partir da relação com a sociedade.”²⁶ Assim, compreendendo o quanto a cultura é importante nas relações histórico-sociais, por ser através dela que existe uma continuidade no grupo social, materializando-se no quotidiano em comportamentos e produções materiais, é fundamental que a cultura seja conhecida e tida em consideração na caracterização de uma escola, para melhor compreender a sua trajetória, valores e impacto na educação.

Segundo Libâneo,

²³ COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus*, 2.

²⁴ COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular 2017-2018*, 9.

²⁵ COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus*, 5.

²⁶ Cf. K. LOPES; R. MENDES; V. FARIA (Orgs.), *Coleção proinfantil módulo II unidade 3 livro de estudo - vol. 2*. Ministério da Educação, Brasília, 2005, 13.

“é preciso considerar, que os alunos trazem para a escola e para as salas de aula um conjunto de significados, valores, crenças, modos de agir, resultante de aprendizagens informais, que muitos autores chamam de cultura paralela ou currículo extraescolar.”²⁷

É relativamente à cultura específica de cada aluno, tecida no seio familiar e social, que os docentes e a direção têm de continuamente regular as suas estratégias, em função dos fins em vista e respeitando os elementos identitários fundamentais da instituição. O Projeto Educativo afirma que os discentes são a razão de ser de todo o Colégio. Assim, o Colégio pretende abrir caminhos de participação ativa aos alunos, no seu processo de ensino-aprendizagem de acordo com as suas capacidades e nível de maturidade.

O Projeto Educativo aponta como valores caracterizadores do estilo educativo do Colégio a simplicidade, a proximidade, o sentido de pertença (“sentir-se família”), a responsabilidade, a autonomia, a cooperação, a alegria, a liberdade e o sentido de transcendência, e almeja as seguintes metas: Aprender a ser, a amar, a pensar, a tomar decisões e a fazer. Verifica-se que estes valores expressos influem de facto na realidade educativa, quer em contexto formal de sala de aula, quer nas relações entre os diferentes membros da comunidade educativa, gerando assim uma comunidade com traços identitários próprios.

Para isto contribuem alguns elementos presentes no Projeto Curricular, que marcam a vivência escolar a um nível transversal e influem fortemente na construção de uma cultura escolar própria. Um desses elementos significativos é o tema anual do Projeto Pastoral: “Ser + Revaloriza-te” que tem como objetivo geral a “vivência dos valores Evangélicos para ser + pessoa e uma boa notícia para os outros.” Este tema é transversal a todas as disciplinas e pretende o envolvimento de todos os elementos da comunidade educativa na ação pastoral, assim como uma otimização da gestão curricular de cada ciclo e a articulação entre os currículos dos diferentes ciclos.

Para melhor caraterizar a cultura escolar que se percebe no Colégio Amor de Deus, enquanto organização educativa que é, podemos basear-nos no modelo de Edgar Schein, que

²⁷ Cf. J. LIBÂNEO, *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. ed. Alternativa, São Paulo, 2004, 61.

define cultura organizacional como o “conjunto de valores nucleares, normas de comportamento que governam a forma como as pessoas interagem numa organização e o modo como se empenham no trabalho e na organização”²⁸ e ainda

“um padrão de pressupostos básicos que um dado grupo inventou, descobriu ou desenvolveu (...) e que têm funcionado suficientemente bem para serem considerados válidos e serem ensinados aos novos membros como o modo correto de compreender, pensar e sentir,”²⁹

relativamente a determinados problemas. Conforme sintetiza Sanches,

“Schein aponta três níveis de cultura presentes em qualquer organização: os artefactos e/ ou normas (visíveis mas geralmente não decifráveis), valores partilhados (acessíveis a um maior grau de consciência) e pressupostos básicos (pré-conscientes).”³⁰

Relativamente ao nível dos artefactos e/ ou normas, o espaço do colégio Amor de Deus dá mostras de uma forte cultura artística e de valorização dos trabalhos dos alunos. No átrio de entrada da escola existem exposições rotativas de trabalhos de alunos das disciplinas de Educação Visual e Desenho em expositores próprios; na Sala de Professores e em muitos corredores existem permanentemente expostos trabalhos plásticos produzidos por alunos; e a agenda escolar produzida pela escola também tem muitas reproduções de trabalhos de alunos. Todos eles revelam um bom grau de maturidade artística e plástica, podendo-se inferir que existe um forte investimento na vertente artística, marcando assim a própria cultura da escola. Também nos corredores encontram-se cartazes alusivos ao Projeto Pastoral do ano: “Ser+ Revaloriza-te”. No piso das salas de 6º ano, encontram-se suspensos numa parede, em tábuas de madeira de diferentes tamanhos, e escritos com *lettering* diferentes os valores do Projeto Pastoral a serem trabalhados ao longo do ano. Cada turma, junto à porta da sua respetiva sala, tem em pequenas tábuas suspensas, os valores já abordados este ano letivo, decorados pelos

²⁸ E. SCHEIN, *Organizational Culture and Leadership*, Jossey-Bass, San Francisco, 1991, 9.

²⁹ IDEM, “Coming to a New Awareness of Organizational Culture”, *Sloan Management Review*, 25:2, 1984, 3, consultado em <http://www.sietmanagement.fr>, a 23.11.2017.

³⁰ Cf. M. SANCHES, *Cultura Organizacional. Um Paradigma de Análise da Realidade Escolar*, Desenvolvimento do Sistema Educativo, Ed. Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação, Lisboa, 1992, 45.

próprios alunos. Durante as semanas que antecederam o Natal, na Sala de Professores, também surgiram propostas plásticas para os docentes em torno destes valores. À entrada da escola, foi posto um presépio, montado com a colaboração de alguns alunos. Esta visibilização do Projeto Pastoral, dos valores e das referências que ele pretende veicular, denota o peso que este tem na cultura escolar.

Quanto às fardas e equipamentos já referidos, contendo a identificação do colégio, é notório o seu uso entre os alunos, especialmente os mais novos, e entre os colaboradores não-docentes.

Quanto às normas que norteiam o comportamento e a interação dos agentes escolares, a observação feita identificou que existe, por parte dos docentes, não-docentes e alunos a observância das regras instituídas, embora com uma saudável flexibilidade (horários, planeamento das aulas e avaliação, assentimento dos alunos à chamada de atenção de um Professor, trato formal entre os docentes na presença dos alunos, pôr o braço no ar para intervir na aula, interiorização de determinados hábitos de estudo e acompanhamento da aula por parte dos alunos, etc.).

Os pressupostos básicos, sendo o nível mais profundo da cultura organizacional³¹, não puderam ser objeto de verificação objetiva durante o período da prática de ensino supervisionada. No entanto, com base numa observação informal pode afirmar-se que existe, pelo menos aparentemente, consonância e coerência entre os pressupostos básicos dos docentes, e os valores, princípios e finalidades identitárias do Colégio, gerando um clima de generalizado bem-estar, sentido de pertença, segurança, confiança, familiaridade, intimidade, colegialidade, cooperação e criatividade.

Quanto a valores partilhados, com base numa observação atenta e reflexiva pode ser ainda afirmado que o corpo docente é coeso e estável. Isto verifica-se no ambiente na sala dos professores, nos diálogos estabelecidos e na abertura e inclusão de novos membros no grupo,

³¹ “Padrão comum de pressupostos filosóficos essenciais sobre a vida e o mundo gerados no interior da organização informal. Refere-se à perspetiva coletiva dos atores organizacionais sobre o modo de ver o mundo que os rodeia, à maneira coletiva de entender a sua posição e função no lugar de trabalho”, M. SANCHES, *Cultura Organizacional. Um Paradigma de Análise da Realidade Escolar*, 45.

como é o caso de estagiários. Existe uma equidade comportamental e a valorização de uma mesma linha de valores, observado na linguagem utilizada, na participação do projeto pastoral, nas referências comuns, nas iniciativas realizadas, em que a maioria dos professores contribui de uma forma assertiva e voluntária. Neste universo, importa igualmente referir que os professores de EMRC são tidos pelos seus pares como exemplo de uma vivência dos valores cristãos. Existe uma relação de familiaridade entre estes, os outros professores, os alunos e o corpo não-docente. Os comportamentos observados levam a crer numa apropriação ou coincidência entre os valores pessoais e os valores institucionais da escola, deixando que estes tipifiquem assim a cultura e o clima escolar. Esta consonância existe mais solidamente entre o corpo docente, e de uma forma mais gradual e livre entre os alunos.

Podemos concluir que a cultura escolar observada no Colégio Amor de Deus encontra correspondência com a tipologia referida por Sanches, designada por “cultura de integração”³². Esta caracteriza-se por inter-relações onde existe uma real preocupação pela dignidade dos atores organizacionais no duplo aspeto pessoal e profissional. Nela, a liderança exerce-se com base no pressuposto de que as pessoas têm elevada eficácia profissional e que são capazes de contribuir positivamente para o sucesso da organização. Outro princípio é o da liberdade de ação para as iniciativas e projetos dos atores. Consequentemente, este tipo de cultura não fomenta uma promoção das pessoas que leve a distinções de estatuto, mas segue uma direção de igualdade entre pares.

Para isto, muito contribui o tipo de liderança exercida no Colégio, com base na consideração da liberdade de cada agente escolar, a par de um cuidadoso planeamento de estratégias pedagógicas e pastorais que envolvem todos os âmbitos da instituição e as inter-relações entre todos os agentes.

³² M. SANCHES, *Cultura Organizacional. Um Paradigma de Análise da Realidade Escolar*, 74.

A escolha do colégio por parte dos encarregados de educação baseada no anteriormente referido, vem ainda, dar força à posição do autor Juan Ambrósio quando refere que se for realizada

“uma análise da sociedade, o ERE vai demonstrando a sua relevância, nomeadamente, pela crescente necessidade de reforçar o conhecimento do facto religioso, pela sua forte presença na reflexão/ação geopolítica e presença crescente e plural na sociedade”³³

e também, porque só através do conhecimento do religioso se compreende muitos dos comportamentos e valores humanos, bem como não poderá existir uma educação para a cidadania sem a tolerância para com as religiões e para tal é necessário o

“reconhecimento do direito religioso, como elemento primordial da experiência humana, por parte de todas as culturas, levando a uma transformação radical de paradigmas, concepções e formas de atuar que afetam toda a organização social.”³⁴

Cada aluno é um ser individual que “traz consigo um capital cultural herdado, ou seja, uma visão do mundo e uma hierarquia de valores que define a sua relação com a escola e a sua atitude no processo do conhecimento.”³⁵ Estando assim, a religião vincada no ser humano, pois esta está presente no imaginário popular, nas conversas, na moda, nos média, ou seja, “a religião é parte fundamental deste capital cultural, muitas vezes norteando as escolhas dos pais em relação à educação dos seus filhos.”³⁶

Logo, se a escola é um local de encontro, de crescimento, de oportunidades educativas e formativas e um dos “principais laboratórios onde se pode observar o confronto e o diálogo entre os diversos universos simbólicos,”³⁷ terá de ser também um local de aprofundamento para a cidadania e é nesse sentido que se faz essencial a presença da Ensino Religioso, na escola pois só ela pretende dar conta da linguagem simbólica do *homo religiosus*,

³³ Cf. J. AMBROSIO, *O ERE na União Europeia- Breve Olhar*, texto publicado para uso dos alunos na disciplina de Didática Específica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017, 7.

³⁴ Cf. M. AFRICANO, *La educación religiosa escolar en un contexto plural*, 55.

³⁵ Cf. L. FERRAZ, *Religião se Aprende na Escola*, consultado em <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>, a 25 de abril de 2018.

³⁶ *Ibidem*, 2.

³⁷ J. AMBROSIO, *O ERE na União Europeia- Breve Olhar*, 10.

desenvolvendo-se numa perspetiva de diálogo para o encontro responsável e unificador da expressão religiosa e se direciona para a formação integral, dando ferramentas ao aluno para uma vivência saudável, em sociedade, combatendo os fundamentalismos.

Após o anteriormente apresentado, torna-se ainda relevante apresentar a caracterização da turma, a partir da qual se fundamenta e se projeta o problema e reflexão apresentada neste relatório. Assim, a PES foi desenvolvida na turma “D”, do sexto ano, do Colégio do Amor de Deus, no ano letivo de 2017-2018. A turma era constituída por trinta alunos e equilibrada em termos de género, apresentando quinze elementos do sexo feminino e quinze do sexo masculino, dos quais nenhum apresenta retenções. A turma apresenta uma média de idades de 10,73, com 22 alunos com 11 anos e 8 com 10 anos.

Esta reflexão e aprofundamento do conhecimento da turma é essencial em várias áreas, entre elas o conhecimento das competências e dificuldades apresentadas pelos alunos, no seu processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, de referir que todos os alunos apresentam o português como língua materna e unicamente dois alunos apresentaram negativas no ano anterior, um deles a Matemática e o outro a Matemática e História e Geografia de Portugal. A turma apresenta ainda, dois alunos com necessidades educativas especiais. Entre os restantes existem várias situações de dificuldades de concentração, de gestão emocional e índices de hiperatividade. Em termos de métodos de estudo, a maioria valoriza as aulas como o local onde aprende melhor; nove alunos dizem que estudam diariamente; catorze estudam em casa e só quatro indicam ter apoio especializado ao estudo (explicação). Apenas cinco dizem não ter qualquer tipo de ajuda no estudo.

Um dos aspetos que mais influencia o percurso escolar são as motivações e expectativas dos discentes. Nesta área, os alunos da turma revelam uma consideração média ou boa sobre o seu aproveitamento escolar, dez afirmam gostar de estudar e quinze afirmam que querem seguir o ensino superior. No entanto, a maioria ainda não sabe qual a profissão que quer ter. Os que a

indicam, referem: médica, jogador de basquetebol, engenheiro, advogado, educadora de infância, bióloga.

Através da caracterização da turma foi interessante compreender que os alunos têm uma opinião formada sobre o que contribui para o insucesso escolar, apontado maioritariamente para o desinteresse pelas disciplinas, os conteúdos difíceis e a falta de estudo, bem como o défice de atenção/concentração. É ainda de referir que um dos alunos da turma afirma que a disciplina que menos gosta é EMRC.

Quanto ao contexto social e cultural dos alunos é interessante notar a forma como os alunos ocupam os seus tempos livres: onze alunos afirmam ocupar-se com atividades desportivas, nove passeiam e dez encontram-se com amigos. Apenas cinco indicam jogar no computador e oito navegam a internet como forma de ocupar os tempos livres. Podemos inferir destes dados uma orientação dos alunos para atividades de socialização e relação com os seus pares. Em termos socioeconómicos pode ser afirmado que a maioria dos alunos provém de um contexto médio/alto. Vinte dos trinta pais apresentam um curso superior e todos trabalham. No caso das mães, vinte e sete apresentam um curso superior, existindo unicamente uma que é doméstica. Um elemento igualmente importante a considerar é a facilidade de acesso ao computador e à internet da esmagadora maioria dos alunos da turma, existindo apenas dois alunos que não tem acesso aos mesmos.

Neste processo de caracterização é igualmente relevante refletir sobre os comportamentos e atitudes dos discentes em sala de aula. Assim, a turma em questão apresenta uma diversidade de alunos, a maioria participativos, interessados e curiosos pelas atividades propostas e pelos conteúdos programáticos. Em geral, são alunos que revelam um bom grau de cultura geral. A nível religioso, muitos alunos da turma revelam ter conhecimentos, embora com algumas lacunas relativamente à simbologia religiosa e à prática cultural. Neste campo, a disciplina de EMRC e a sua obrigatoriedade curricular reveste-se de singular pertinência dentro dos objetivos pedagógicos e pastorais do Projeto Educativo do Colégio, podendo contribuir para o

alargamento do conhecimento religioso dos alunos, o desenvolvimento da sua dimensão espiritual, a sua abertura ao transcendente e, conseqüentemente para o seu desenvolvimento integral, como pessoa.

1.3. A Unidade Letiva 2- “Jesus um homem para os outros”

A unidade letiva 2, “Jesus um homem para os outros” encontra a primeira fundamentação para a sua relevância, na formação dos discentes, nas finalidades da disciplina de EMRC, sendo as mesmas

“aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; aprender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”³⁸

As finalidades da disciplina centram-se no desenvolvimento do conhecimento e das capacidades do aluno, nas áreas do saber, saber-fazer e saber ser, dando resposta ao processo educativo, apresentando a mensagem, a tradição e história numa perspetiva de diálogo com a cultura de âmbito local e global. Pretende-se criar um espaço na escola que permita ensinar a interpretar as raízes cristãs do nosso património cultural, criando uma inter-relação do saber da fé com o conjunto dos demais saberes. Só deste modo se propicia a descoberta da religião

³⁸ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 4.

como instância crítica da sociedade, pois não existe uma dissociação entre a vida religiosa do sujeito e a vida social, procurando uma atitude humanizadora da própria pessoa.

Para a educação integral do discente, deverá assim ser potenciado o desenvolvimento da dimensão religiosa na formação da pessoa e para tal a EMRC deve ter a capacidade: de apresentar a mensagem cristã a partir da fé, mas aberta a todo o mundo, segundo as suas próprias possibilidades socioculturais e psicológicas; de oferecer ao aluno um conhecimento da transcendência; de integrar a mensagem cristã na visão global da educação e fundamental dar respostas às questões do sentido último da vida. Tal como referido pela Conferência Episcopal Portuguesa, “a educação é o percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa,”³⁹ sendo assim crucial o desenvolvimento da dimensão religiosa do aluno.

As próprias metas do programa são coerentes a esta linha de pensamento, apresentando como “referência maior, a configuração de cada homem e mulher, que são os alunos como seres humanos integrais, pois, na medida em que o forem, estarão a caminhar para a configuração total como o Mestre.”⁴⁰ Torna-se assim necessário, tal como João Paulo II refere, que

“o professor de religião se preocupe, também, a amadurecer a profunda ‘procura de sentido’ que os jovens transportam dentro de si, mostrando como o Evangelho de Cristo uma verdadeira e plena resposta, cuja inexaurível fecundidade se manifesta nos valores de fé e de humanidade expressos pela comunidade crente e radica no tecido histórico e cultural da população da Europa.”⁴¹

Concretamente, as metas alcançáveis com a lecionação da segunda unidade letiva, de 6ºano, tocam os três domínios que a disciplina apresenta como fundamentais para a aprendizagem do aluno:

³⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal educação integral da pessoa humana*, consultado em <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-escola-em-portugal-educacao-integral-da-pessoa/> consultado a 10 de dezembro de 2017.

⁴⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, IV.

⁴¹ JOAO PAULO II, citado em SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 163.

i) domínio da religião e experiência religiosa, que se foca na segunda finalidade, “formular uma chave de leitura que clarifique as opções da fé”⁴² e na meta “B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”⁴³.

ii) domínio da cultura cristã e visão da vida, com a quinta finalidade, “Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos”⁴⁴, a fim de se alcançar a meta “E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”⁴⁵; e com a sétima finalidade, “Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã”⁴⁶, com a qual se pretende corporizar a meta “K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.”⁴⁷

iii) domínio da ética e moral, com a nona finalidade, “Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade”⁴⁸, desenvolve esforços para que o aluno consiga “Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.”⁴⁹

As aprendizagens da referida unidade letiva apresentam ainda, uma décima primeira finalidade, a de “Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”⁵⁰ A qual abrange os três domínios da disciplina de EMRC.

Neste sentido, a unidade letiva 2 vem dar a conhecer aos alunos o centro de todo o Cristianismo, que é Jesus Cristo e mostrar a cada um quem ele foi, como marcou a história com a sua vida com a prática do bem e com os seus ensinamentos.

⁴² SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 16.

⁴³ *Ibidem*, 17.

⁴⁴ *Ibidem*, 16.

⁴⁵ *Ibidem*, 17.

⁴⁶ *Ibidem*, 16.

⁴⁷ *Ibidem*, 17.

⁴⁸ *Ibidem*, 16.

⁴⁹ *Ibidem*, 17.

⁵⁰ *Ibidem*, 16.

Após uma análise do anteriormente exposto e compreendendo a profundidade e o carácter essencial da unidade letiva 2, “Jesus um homem para os outros”, no desenvolvimento religioso e espiritual dos discentes, bem como na sua interpretação, compreensão e leitura da sua vida, da sua história e do seu quotidiano, é fundamental compreender e aprofundar os conhecimentos sobre o testemunho de Jesus Cristo e o que Ele pretendeu transmitir aos outros, sobre o Reino de Deus através do seu testemunho, da sua forma de vida na sua história e na forma como ensinava os outros.

Este estudo aprofundado, contextualizado e fundamentado de Jesus, o messias prometido, permitirá uma partilha alicerçada em pilares mais fortes, que proporcionará uma melhoria na transmissão da grande mensagem de Jesus Cristo, bem como potenciará ao docente ser exemplo vivo de Cristo, junto dos alunos, da comunidade escolar e da comunidade em geral, compreendendo como o exemplo e o testemunho é importante na formação dos discentes, assim como, na criação de laços entre os membros da comunidade educativa.

1.4. Jesus na Unidade Letiva 2- “Jesus um homem para os outros”

Ao longo dos tempos os contextos sociais sofreram uma diversificação, com tendência para uma descristianização e estando mais centrados nas dimensões científico-técnicas, levando assim, à exclusão da transcendência.

“O ensino da religião no contexto educativo da disciplina de EMRC tem um carácter formativo e não apenas instrutivo, uma vez que pressupõe o diálogo no ensinamento religioso com as restantes disciplinas académicas, assim como oferece às famílias e aos alunos um carácter confessional a tais ensinamentos.”⁵¹

⁵¹ Cf. J., OTADUY, “La enseñanza religiosa escolar durante el pontificado de Juan Pablo II”, *Cadernos doctorales*, nº 15, 2006, 126.

Logo, a EMRC através da sua identidade desempenha um papel fundamental na formação integral do discente, sendo uma disciplina que propicia que cada aluno cresça integrando-se e aprendendo a dialogar com os saberes e a fé. Assim, a EMRC permite ao aluno o diálogo com a cultura ao relacionar e alicerçar os conteúdos das outras disciplinas, nos valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa. Sendo, igualmente importante referir que o aluno só terá uma formação integral, se a sua formação abranger de igual forma a dimensão religiosa, pois a compreensão da realidade social requer o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais.

A Unidade Letiva 2, pretende expor ao aluno a história de Jesus, desde o seu nascimento até à sua morte e Ressurreição, permitindo ao mesmo que reconheça a história e a figura central do Cristianismo e realize uma reflexão, análise e uma exegese da mesma. Esta Unidade letiva surge na sequência da UL1 “A Pessoa Humana” e antecede a UL3 “A Partilha do Pão”, apresentando assim um sentido teológico entre as Unidade Letivas.

Um dos desafios da Unidade Letiva é a necessidade de abstração por parte dos alunos, pois sem ela a compreensão, interpretação e aquisição tornam-se mais complicadas e deficitárias. Os alunos de 6ºano encontram-se numa fase de desenvolvimento tanto cognitivo como moral, em que existe uma forte relação com o concreto, ou seja, as operações e as estruturas constroem-se entre a relação da ação da criança sobre os objetos. Para tal é uma mais valia a utilização de exemplos visíveis e retirados da realidade atual.

É ainda, de realçar que a criança no sexto ano, apresenta entre 11 a 12 anos, encontrando-se num período de transição de estágio de desenvolvimento. Com base em Piaget encontram-se na passagem do estágio operatório concreto, que se caracteriza pela criança apresentar uma atividade cognitiva operatória, com a aquisição da reversibilidade lógica, isto é, a capacidade de representar a ação e a ação inversa que a anula. A criança evolui igualmente na construção de natureza representativa, como as quantidades físicas (peso, distância, volume). Após a conquista das competências do estágio, anteriormente referido, passa para o estágio das

operações formais, no qual inicia a capacidade de terminar progressivamente com plano da manipulação concreta, tendo acesso ao raciocínio hipotético-dedutivo, podendo assim chegar a conclusões a partir de hipóteses, sem ter necessidade de observação e manipulação reais.

O discente no 6º ano apresenta um avanço cognitivo e capacidade para compreender os conteúdos lecionados em sala de aula, mostrando igualmente, interesse por novos assuntos, sendo necessário criar um ambiente que potencie o seu desenvolvimento. O pesquisador Vygotsky reforça a importância do meio ambiente, tendo proposto a teoria sociocultural, na qual defende que o desenvolvimento de cada indivíduo realiza-se com a exposição da pessoa a uma cultura e baseado nela apropria-se de crenças, valores, tradições e habilidades do grupo social onde se insere.

A UL 2ª “Jesus, um Homem para os outros” e a apresentação de Jesus é assim essencial para os discentes, devido à sua inserção numa cultura repleta de conteúdos relacionados ao catolicismo, logo só sendo detentores de conhecimentos sobre a religião católica compreenderam muitos dos elementos culturais. Neste sentido, a presente Unidade Letiva pretende apresentar uma perspetiva histórica do percurso de vida de Jesus e dar a conhecer o núcleo central do Cristianismo e do Catolicismo e a identidade cristã.

A figura de Jesus, vai sendo exposta ao longo da Unidade Letiva. Inicia este percurso com a referência de quem é Jesus, o Filho de Deus, o Mestre, que desde o seu nascimento marcou a história, de vários povos. Aqui se fundamenta novamente a relevância do conhecimento da história de Jesus, pois está presente nos vários tipos de arte. Bem como, no nosso dia a dia, sendo o nascimento de Jesus, o acontecimento através do qual é construído o calendário gregoriano, usado em Portugal.

No seguimento da UL é apresentado numa perspetiva interpretativa os textos bíblicos que mostram a missão de Jesus e a sua Ressurreição, mais uma vez a perspetiva da leção é a apresentação de factos e a explicação dos mesmos aos alunos, pretendendo que estes reflitam sobre eles e escolham os seus caminhos de fé, fundamentados no conhecimento e na análise

dos textos Bíblicos. Por último, pretende realçar o agir ético cristão nas várias situações do quotidiano.

Assim, o discente compreende que a disciplina de EMRC e a lecionação, em particular, da referida UL é fonte de explicação de muitos elementos culturais que o rodeiam e só com uma leitura com base no conhecimento religioso faz sentido.

A lecionação da UL 2, no contexto do Colégio Amor de Deus não difere da perspetiva anteriormente referida, pois

“As Irmãs do Amor de Deus, como responsáveis diretas pela educação que se oferece nesta Escola, têm como propósito assegurar o carisma educativo cujo objetivo é fazer de cada aluno um ser integral, segundo o pensamento humanista cristão que tem Cristo como supremo modelo. O carisma das Irmãs do Amor de Deus consiste em experimentar o amor gratuito de Deus e em ser expressão desse amor junto dos outros através da educação.”⁵²

Assim,

“As Escolas Amor de Deus assentam numa rigorosa formação científica, intelectual e cultural, procurando, com toda a sua atividade, despertar e estimular o desenvolvimento integral e harmonioso da pessoa, como agente do seu próprio crescimento, nas suas dimensões individual, social e cristã.”⁵³

O Colégio Amor de Deus permite o desenvolvimento integral dos alunos apresentando o exemplo de Jesus nas suas iniciativas, bem como nas aulas de EMRC, permitindo-lhe um desenvolvimento integral abrangendo as áreas individual, social e religioso de cada um.

“As Escolas Amor de Deus procuram, no respeito pela liberdade e convicções de cada um, oferecer a todos os membros da Comunidade Educativa, e especialmente aos seus alunos, a possibilidade de fazerem das suas vidas um projeto com sentido, na linha da mundividência cristã, de acordo com a pessoa de Jesus Cristo e com a sua mensagem. Queremos também contemplar a globalidade da pessoa, procurando criar e manter um ambiente em que se acolha o Dom da fé e se faça um itinerário de crescimento progressivo no qual se

⁵² COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus* - 2016, 1.

⁵³ *Ibidem*, 2.

exprimam atos coerentes, de modo que, tanto a nível pessoal como da comunidade escolar, se evidenciem os caracteres cristãos que proclamamos.”⁵⁴

O Colégio alicerça todo os seus projetos pedagógicos na pessoa de Jesus Cristo evidenciando o caráter cristão que proclama. Contudo, permite a liberdade de pensamento de cada um e pretende que criem um projeto de vida com sentido e fundamento. Para tal, a disciplina de EMRC não é um modo de catequização, mas sim um meio de formação de jovens que convivam pacificamente num mundo plural, detentores de um conhecimento estruturado e fundamentado, a níveis religiosos.

⁵⁴ COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus* - 2016, 2.

CAPÍTULO II- JESUS CRISTO MESTRE E PEDAGOGO

2.1. Contexto histórico de Israel no tempo de Jesus

2.1.1. O Contexto Político

Em termos políticos, Jesus viveu numa Palestina inserida no Império Romano e num período governado por dois imperadores Octaviano Augusto (27 a. C.- 14 d. C.) e Tibério (14-37). Neste período garantiram a paz política e o bem-estar em todo o território, apesar de nenhum deles se ter deslocado à Palestina. O poder de Augusto encontrava-se presente, representado pelo Rei Herodes e, depois dele, pelos seus filhos e pelo governador romano na Judeia. O mesmo sucedeu com Tibério, um homem tímido que se retirava temporadas para Câmpania e para a ilha de Capri.

Jesus nasceu durante o reinado de Herodes. Este “era tido pelo povo judaico como um intrometido e um usurpador estrangeiro.”⁵⁵ Contudo, conseguiu governar o seu Reino (que incluía a Idumeia, a Judeia, a Galileia, a Pereia e ainda territórios longínquos no Nordeste da Palestina) por trinta anos em paz. Foi nomeado rei da Judeia, por decisão do Senado romano, nos finais do ano 40 a. C, pois “os governantes romanos viram em Herodes o homem ideal para pacificar o povo dos judeus, um povo rebelde, à margem do Império e para os submeter à autoridade de Roma.”⁵⁶

Herodes era um rei habilidoso no uso do seu poder, mas igualmente duro. A nível tributário estabeleceu uma capitação para si e para os seus interesses, bem como coletou um imposto para César, entre outros. Limitou as competências do Sinédrio (o tribunal supremo da justiça judaica), nomeadamente a *potestas gladii*, isto é, a autoridade para condenar um homem à morte. Como estrangeiro requereu as funções régias, mas não se atreveu a pretender os

⁵⁵ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, 38.

⁵⁶ *Ibidem*, 38.

privilégios de sumo-sacerdócio. Contudo, limitou-o, nomeadamente abolindo o seu caráter hereditário e vitalício.

Após a morte de Herodes, o seu filho Arquelau, que por sua vontade seria o próximo rei, ficou encarregue de levar a Roma o seu selo e as atas seladas das finanças do Estado, pois só Augusto tinha a última palavra sobre o que o rei tinha deixado em testamento, nomeadamente, o seu filho Arquelau seria rei, Antipas e Filipos seriam tetrarcas, um sobre a Galileia e a Pereira, a Transjordânia judaica, e o outro sobre Galanite, Traconite e Bataneaia, até à cidade de Paneias, tudo territórios no Noroeste do país. Contudo, tanto Arquelau como Antipas seguem para Roma, pois Antipas sente-se prejudicado e pretende falar com o Imperador. No entanto, não só existem conflitos entre os irmãos, mas também em várias regiões do país.

Em Roma, o Imperador Augusto “confirmou no essencial o último testamento de Herodes. Mas negou o título de rei a Arquelau. Este passaria a ser etnarca da Judeia, Samaria e Idumeia. Antipas e Filipos receberam o título de tetrarcas.”⁵⁷

No que se refere à vida de Jesus, Antipas (4 a.C.-39 d.C.) foi quem mais teve impacto na sua vida, por ser o seu soberano territorial e “segundo Lc 13,31, Jesus é avisado para ter cuidado com o príncipe e exortado a abandonar o seu território, porque Antipas teria em mente mandar matar Jesus.”⁵⁸ Foi também, ele que mandou prender e executar João Batista.

O território governado por Arquelau, após a sua destituição e expropriação de todos os seus bens numa sessão ordinária do Tribunal Romano desencadeada pelas queixas de judeus e samaritanos sobre a crueldade e tirania de Arquelau, foi governado através de uma administração direta de Roma, nomeadamente durante a vida de Jesus, por cinco governadores romanos: Coponius (6-9), Marcus Antibus (9-12), Annius Rugus (12-15), Valerius Gratus (15-26) e Pôncio Pilatos (26-36). A eles podemos apontar alguns acontecimentos relevantes na vida de Jesus, particularmente o censo que ocorreu durante o tempo de governo de Coponius, a nomeação de José Caifás como sumo-sacerdote por

⁵⁷ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 41.

⁵⁸ *Ibidem*, 43.

Valerius Gratus e a colaboração na crucifixão de Jesus de Pilatos, pois acredita-se numa atividade paralela entre Pilatos e Caifás. A história mostra que ambos perdem em simultâneo os cargos, no ano de 36, podendo concluir-se que Caifás cooperava com os romanos e provavelmente esse facto teve relevância na condenação de Jesus.

Ao longo da vida de Jesus existiram mudanças constantes no Sinédrio e nos Sumo-sacerdotes. “Quando Jesus nasceu, provavelmente era Simão ben Boetos (cerca de 24-25 a. C.) que exercia as funções de sumo-sacerdote em Jerusalém.”⁵⁹ As mudanças de sumo-sacerdotes eram constantes, sendo destituídos quando o Rei não estava de acordo com os seus comportamentos. Assim, Jerusalém apresentou como sumo-sacerdotes: Simão ben Boetos (24-5 a.C.), Matis ben Teófilo (5-4 a.C.), José ben Ellem (exerceu o cargo unicamente durante uma festa), Joasar ben Boetos (4 a.C.), Eleazar ben Boetos (período desconhecido), Jesus ben Sie (período desconhecido), Joasar ben Boetos (até 6 d.C.), Anás ben Seti (6-15 d.C.), Ismael ben Fiabi (15-16 d.C.), Eleazar ben Anás (16-17 d.C.), Simão ben Kamitos (17-18 d.C.) e José Caifás (18-36 d.C.). Como mais relevantes na história de Jesus e mencionados no Novo Testamento temos Anás ben Seti (6 - 15 d. C.), que

“segundo Jo 18,13s.19-24, Jesus é interrogado por ele durante o processo. Deve-se ter presente que o quarto evangelho não fala do interrogatório pelo Sinédrio. Segundo Lc 3,2, durante o tempo da vida pública de João Batista, Anás e Caifás partilhavam o cargo de sumo sacerdote. Foi ainda, Anás que interrogou Pedro, pouco depois da morte de Jesus.”⁶⁰

E também José, da casa de Caifás (daí o nome de Caifás), que exerceu o cargo entre 18-36 d.C.

“Segundo Jo 18,13, ele era o genro de Anás, que, desta maneira, podia consolidar o poder político da sua família. Caifás aparece com destaque nos evangelhos sinópticos, no contexto da paixão. Aparece como aquele que liderava a tentativa para eliminar Jesus.”⁶¹

⁵⁹ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 47.

⁶⁰ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 48.

⁶¹ *Ibidem*, 49.

Eles exerciam as suas funções no Sinédrio (*Sanedrín*), reconhecido por ser a suprema autoridade administrativa e judicial judaica, constituído por 71 membros, presididos pelo sumo-sacerdote. Contudo, na era de Herodes, o grande, o Sinédrio sofreu uma repressão, tendo mesmo existido a execução de alguns membros do Conselho para ostentação do poder de Herodes. Estes foram substituídos por elementos submissos ao poder. Esta situação do Sinédrio mantém-se igualmente no tempo de Arquelau, filho de Herodes.

Na época dos governadores romanos, o Sinédrio voltou a adquirir antigos direitos, como exercer novamente funções como a autoridade judicial em processos civis e penais. Contudo, nos limites da Judeia e sabendo que os romanos conservavam prerrogativas de intervir e proceder autonomamente sempre que entendessem.

2.1.2. O Contexto Religioso

Israel, como anteriormente exposto, não apresentava uma unidade política, mas o mesmo não acontecia em termos religiosos, quando nos referimos ao povo judeu. “Israel” designava o Povo de Deus e ser israelita significava pertencer ao povo escolhido. Apesar disto, existiam divisões dentro deste Povo de Deus e, conseqüentemente, exclusão de alguns grupos e pessoas que se opunham às ideologias do mesmo. No entanto, Jerusalém mantinha-se para todos a cidade Santa,

“o centro de uma fé coesa que se articulava à volta de eixos partilhados. E.P. Sanders define-os da seguinte forma: adoração do Deus único manifestada na recitação diária da oração ‘Escuta, Israel’ (*Shemá Yisrael*); culto no santuário central de Jerusalém, sobretudo por ocasião das grandes festas de peregrinação; oração diária em família e semanal na sinagoga com a leitura da Lei ou *Torá*; cumprimento dos preceitos rituais da Lei (circuncisão, descanso no sábado, normas de pureza ritual) e observância dos preceitos morais.”⁶²

⁶² A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, Paulus, Lisboa, 2006, 82.

Herodes, o Grande, transformou Jerusalém, a cidade santa, no centro espiritual e religioso do judaísmo mundial. O Templo ali situado mantinha-se como o único lugar do mundo no qual eram oferecidos sacrifícios válidos a Javé, o Deus de Israel. Era o lugar de expiação, onde, através do culto, se alcançava a purificação e a santidade para os sacerdotes, o povo, as famílias, os indivíduos e a nação. A identificação do Templo como lugar em que Deus habita era igualmente proclamado como tal

“nos salmos (‘o Senhor escolheu Sião, desejou-a como sua residência própria’), Salmo 132,13) e repetido na literatura judaica (‘O Senhor [...] escolheu [...] o lugar santo para o povo’, Segundo Livro dos Macabeus 5,19).”⁶³

Sendo assim, o Templo era um espaço de respeito incontestável e incondicional, por ser um lugar da presença divina e de permitir a relação entre Israel e Deus.

O Templo era igualmente, o local onde se celebravam as festas, tais como a festa do

“Ano Novo (*Rosh Hashanah*), no Outono, ao qual se seguem dez dias da Penitência, que por sua vez terminam com o Dia da Expição (*Yom Kippur*). A *Mishnah* ensina que todos os seres humanos desfilam perante Deus no Ano Novo, sendo então sujeitos a julgamento. De entre eles, muito poucos são considerados totalmente justos, enquanto que outro grupo é desde logo rejeitado por ser considerado irremediavelmente perdido. A grande maioria das pessoas situa-se entre estes dois grupos, pelo que tem dez dias para se arrepender dos males praticados, purificando-se depois com o jejum do *Yom Kippur*.”⁶⁴

No dia da Expição, realizavam um jejum solene de 25 horas e que encerrava o julgamento do ano. O sumo-sacerdote, vestido com vestes brancas, entrava no santo-dos-santos do Templo e expiava os seus pecados, dos sacerdotes e do povo com sangue de animais.

No sexto dia depois do *Yom Kippur*, celebravam a festa dos tabernáculos (*Sukkot*).

⁶³ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 86.

⁶⁴ D. COHN-SHERBOK, *Judaísmo*, Edições 70, Lisboa, 1999, 89.

“Tratava-se de um festival das colheitas, durante o qual se assinala também o período em que os judeus vagueavam pelo deserto inóspito antes de alcançarem a Terra Prometida. Durante este tempo, os judeus dormiam num tabernáculo (tenda), num total de oito dias.”⁶⁵

Para além do *Sukkot*, existiam ainda dois grandes festivais de peregrinos, que são igualmente festivais de colheita, nomeadamente a Páscoa (*Pesach*) e Pentecostes (*Shavuot* ou Festa das Semanas). A Páscoa hebraica é também a Festa da Primavera, assinala o início da colheita da cevada, bem como o êxodo dos judeus do Egipto e tinha a duração de sete dias. Cinquenta dias depois da Páscoa, celebrava-se a *Shavuot*, que assinala o final da época da colheita da cevada, e igualmente a atribuição da *Torá* a Moisés no Monte Sinai.

Diariamente existiam sacrifícios e tempos de oração, no Templo, que manifestavam a vontade de unidade do povo. Mas, a festa semanal mais importante do calendário judaico era o *Shabbat*, dia semanal destinado ao repouso, à oração e ao estudo. A sua celebração ia para além das reuniões nas sinagogas, visto serem a preparação para a celebração no lar, na medida em que “a religiosidade judaica estava firmemente enraizada no lar e na família, onde se celebravam as festas domésticas e, principalmente, o sábado.”⁶⁶ O sábado era, ainda, sinal da eleição de Israel e a sua celebração com alegria era sinal visível da unidade do povo, que imitava o descanso sabático do Criador, que descansou nesse dia após a sua obra de criação.

Através do anteriormente referido compreendemos que o Templo é um dos pilares da religião judaica. Este faz-se acompanhar da terra e da família, bem como da Lei.

A família é o lugar principal da prática da Lei e as grandes celebrações judaicas são realizadas no núcleo familiar. É ela que ensina às crianças a viver segundo a Lei e a rezar, desde os primeiros anos de vida. Já “a terra de Israel constituía um bem precioso que Deus, em virtude da promessa, deu a Abraão, o pai do povo judeu, e aos seus descendentes.”⁶⁷ A terra era vista pelo povo judeu como propriedade divina, todos os que a desrespeitassem profanavam o nome de Deus.

⁶⁵ D. COHN-SHERBOK, *Judaísmo*, Edições 70, Lisboa, 1999, 88.

⁶⁶ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 54.

⁶⁷ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 89.

A Bíblia era uma propriedade comum de todo o Israel, e nela se manifestava a Lei de Moisés. A Lei é entendida como a expressão da vontade de Deus em relação a Israel e por isso também um dos pilares da religião judaica. Os judeus articulavam a sua vida à volta de uma adesão incondicional à Lei, pois ela era o princípio santo da vida, observá-la é fonte de bem e de felicidade. E esta apresenta disposições que

“cobrem todas as áreas da existência, tanto pessoais como sociais, e por isso a Lei é como uma muralha que defende Israel de fazer o mal e de se contaminar com os costumes desencaminhados dos outros povos.”⁶⁸

Contudo, a sua interpretação levou às divisões e facções do povo de Israel, anteriormente referidas. Mas, deve ser tido em consideração “que as divisões surgiram do esforço para salvaguardar ou restabelecer a pureza e santidade do povo de Deus numa época em que este era humilhado, procurando corresponder, assim à sua vocação.”⁶⁹

Um dos movimentos que veio dar origem à maioria dos grupos religiosos da época de Jesus e mencionados nos evangelhos são os assideus ou *hassidim* (os piedosos). Estes surgiram no contexto da dinastia asmoneia, sobretudo quanto esta reuniu numa só pessoa a função real e do sumo-sacerdócio. Eles opunham-se, portanto, à usurpação asmoneia, vendo nela uma traição à causa de Deus, pois para eles a salvação era uma intervenção definitiva de Deus e não alcançável através de medidas políticas concretas e por isso mantinham-se afastados das estratégias políticas. Os assideus “foram os mestres da Lei, leigos versados nas Sagradas Escrituras que se dedicavam a estudar a Lei e a interpretá-la”⁷⁰ e sublinhavam igualmente que

a

⁶⁸ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 83.

⁶⁹ *Ibidem*, 55.

⁷⁰ *Ibidem*, 93.

“história é um espaço no qual Deus se manifestaria de forma definitiva e que esta manifestação não podia deter-se. A História devia ser vista com um olhar profético e deveria ver-se nela o sinal deixado pela promessa de Deus.”⁷¹

Mais tarde, deram origem a grupos religiosos como:

a) comunidade monástica de Qumrân, junto ao mar Morto, geralmente denominados como essênios: esta foi fundada pelo “mestre da justiça”, sendo ele um sacerdote de nome desconhecido que se afastou do Templo por esse ser indigno sob o sacerdócio do tempo dos asmoneus. Retirando-se para o deserto,

“o seu objetivo era preservar e restaurar a santidade do povo num espaço reduzido. A comunidade aprendeu a compreender-se a si próprio como o santo Resto de Israel, o verdadeiro Povo de Deus dentro do povo, no qual Deus tinha atuado novamente para a salvação.”⁷²

O isolamento no deserto seria fundamental para excluir qualquer impureza que adviesse pela relação com o restante povo. Para além disso, o seu conhecimento especial da revelação não poderia ser transmitido a uma pessoa externa à comunidade. No que se refere ao caminho para a salvação, este passava através da prática das normas de pureza ritual e uma observância muito rígida da Lei.

b) fariseus, de *paroshim* (os que distinguem com precisão): relacionam-se com fato de surgirem da rutura com os hassídicos, tendo em comum com eles não concordarem com a usurpação asmoneia da realeza e do sacerdócio. Era um grupo de origem artesã e intelectual, líderes e guias das classes populares.

A sua principal preocupação era a santidade e a pureza do Povo, tanto dentro como fora do Templo, ou seja, a pureza sacerdotal era observada no quotidiano. Este era ritualizado, logo sacralizado. Para os fariseus a Lei era o caminho de salvação, tendo-lhe atribuído um significado cósmico,

⁷¹ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 93.

⁷² *Ibidem*, 57.

“pela visão da mesma como um instrumento de Deus na criação, como algo que garantia a ordem do universo. A par da Lei encontra-se a Tradição. No seu esforço no cumprimento da Lei, os fariseus criaram prescrições interpretativas, tradições exegéticas, mais tarde denominadas ‘tradições dos antigos’, que pretendiam facilitar o cumprimento concreto dos mandamentos mosaicos na vida quotidiana.”⁷³

Os fariseus aceitavam, assim, a Lei escrita e fixada no Pentateuco e os livros dos profetas, que embora de grau inferior apresentavam validade normativa. Afirmam, igualmente, que já com Moisés se tinha iniciado uma tradição interpretativa da Lei. As interpretações farisaicas da Lei (*halajot*) constituíram a “tradição dos antepassados” que com o passar do tempo se transformou na chamada Lei oral e foi passada a escrito por volta dos anos 200 d. C. com o nome *Mishná*, que veio a ser posteriormente a base do Talmude.

Na época de Jesus, existiam vários grupos dentro dos fariseus e estes com visões diferentes, sendo os mais conhecidos Hillel e Shamaí, um mais laxista, o outro mais rigorista.

Este grupo, em finais do século I a.C., era bastante considerado pelo povo, por causa da sua seriedade religiosa, pelo seu desejo de alcançar a santidade, por apresentarem uma vida pública e porque, enquanto movimento de leigos, estava aberto a todos. Esta consideração levava a que tivessem grande influência sobre a população e que esta recorresse a eles para resolver questões do foro religioso, como culto, orações e sacrifícios.

Ainda no interior do farisaimos, encontramos os escribas ou também denominados, nos evangelhos, legistas ou doutores da Lei. “Tratava-se de uma profissão que, de acordo com uma dupla função da Bíblia, como livro jurídico e religioso, consistia na transmissão de ensinamentos teológicos e de sentenças.”⁷⁴

c) zelotas: provêm dos fariseus, particularmente da sua ala shamaíta. Estes concordam maioritariamente com os fariseus. No entanto, são mais rigorosos no que se refere à tenacidade da liberdade e só reconheciam Deus como seu rei e senhor. O que os tornou conhecidos foi a violência que utilizavam, pensando ser ela o caminho para o Reino de Deus.

⁷³ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 61.

⁷⁴ *Ibidem*, 62.

Esta concepção era acompanhada de uma prática rigorosa da *Torá*, da prontidão para o martírio, da ideia da guerra santa, bem como da afirmação de que Deus iria restabelecer os direitos do pobres e oprimidos, atraindo assim o povo rural que vivia na miséria e que a eles se juntaram na guerra anos após a morte de Jesus.

d) saduceus: era um grupo constituído sobretudo por proprietários e gente rica, membros das famílias dos sumo sacerdotes e da aristocracia. Por isso, tal como diz “Flávio Josefo, os saduceus gozavam da ‘confiança apenas dos abastados.’”⁷⁵ Ao contrário dos grupos anteriores, eram partidários dos asmoneus ou de quem estivesse no poder (herodianos ou romanos).

O seu poder, no tempo de Herodes, era limitado por não aceitarem a política universal. Já nos últimos 70 anos do Estado de Israel os sumos-sacerdotes provinham deste grupo. Na sua perspectiva, Israel era sagrado e o Templo preservava esta sacralidade, sendo local de apresentação de sacrifícios válidos, expiação de pecados do povo e da nação. Era um grupo de pensamento teológico conservador, em que um estado nacional e particular, com um Templo, cumpria a expectativa de salvação escatológica. Para os saduceus, observar a Lei significava praticar à letra as normas contidas no Pentateuco. Só este merecia o nome de *Torá* e todas as normas e regulamentos para a vida provinham dele. Os restantes livros bíblicos, sobretudo os livros dos profetas, teriam apenas valor em relação à piedade e à exortação.

Apesar de uma origem comum, verificou-se um afastamento entre os quatro grupos anteriormente mencionados. Os saduceus eram vistos pelos essénios como obstinados, “filhos das trevas.” As tradições exegéticas dos fariseus não eram aceites pelos saduceus. Contudo estes grupos relacionavam-se, pois, os saduceus tinham o poder e os fariseus tinham influência sobre o povo. Já os zelotas uniam-se aos essénios na ideia de uma guerra santa escatológica.

⁷⁵ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 102.

2.1.3. O Contexto Social

Dando continuidade à compreensão histórica, é relevante abordar a situação social da Palestina e de cerca de um milhão de pessoas que ali residiam. A nível económico, podemos agrupar a Galileia e a Samaria, como zona agrícola e de pesca; e a Judeia e Jerusalém predominantemente dedicada ao artesanato e ao comércio. No entanto, na Judeia também existiam pastagens e cultivo e na Galileia profissões artesanais (como carpinteiro, profissão de José de Nazaré, esposo de Maria, Mãe de Jesus). O problema económico fundamental dos proprietários, e em geral da maioria da população, eram os impostos, que no caso particular da Galileia dependiam unicamente de Antipas.

Na época existiam três classes sociais distintas: a classe mais alta constituída por latifundiários; uma classe média na qual se encontravam os artesãos, pequenos comerciantes e sacerdotes regulares; e uma classe baixa, que era composta por pequenos agricultores e jornaleiros, que podiam ser contratados para cultivar, para a pesca ou qualquer outro trabalho. Existiam ainda escravos, que sendo judeus poderiam ter direitos semelhantes aos jornaleiros. Mas a situação de escravos pagãos era muito diferente, sendo simplesmente propriedade de alguém. A estratificação social naquela época baseava-se no prestígio e popularidade de determinadas profissões, sendo algumas totalmente desprezadas por serem ligadas à sujidade (como curtidores) ou impuras (como pastores ou publicanos). Esta situação era ainda agravada pela distribuição desigual das propriedades, ficando a maior parte dos terrenos nas mãos do próprio rei ou de pessoas com grande capital.

Naquele período, através da rede de estradas desenvolvida pelos romanos bem como do porto de Cesareia, aumentaram as exportações, principalmente de produtos naturais (como azeite, vinho, azeitona e cereais), permitindo a formação de grandes latifúndios, pois os lucros dos negócios de exportação revertiam a favor dos proprietários. Contudo, para a população em

geral, era difícil gerir os pesados impostos que se dividiam em impostos do Templo, no valor de dois dracmas e que os judeus recolhiam voluntariamente por considerarem essa função uma honra; em impostos indiretos ou ocasionais, nomeadamente pela passagem de mercadorias nas fronteiras, recolhidos pelos publicanos e daí advém a impopularidade e a sua equiparação a pecadores públicos; e impostos regulares, que surgem dos “romanos considerarem as províncias ocupadas como propriedade romana e sendo essencialmente impostos sobre o terreno e de capitação (*tributum agri et capitis*)”⁷⁶, que eram cobrados de forma diferente em cada zona da Palestina. No caso particular da Galileia,

“Herodes Antipas, o etnarca da Galileia tinha a sua própria administração financeira e tributária e utilizava o sistema de arrendamento, no qual os *publicani*, que tinham arrendado os impostos, encarregavam-se de cobrar para ele.”⁷⁷

Já a estrutura familiar, na época de Jesus era patriarcal, sendo o marido dono e senhor da casa e da mulher e sendo esta claramente prejudicada em termos legais. Mantinha-se assim a ideia de propriedade presente no Decálogo “Não cobices a casa do teu próximo, nem a mulher do próximo, nem o escravo, nem a escrava, nem o boi, nem o julgamento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo”⁷⁸ (Ex 20,17). Também na educação a mulher era penalizada, não podendo aprender a *Torá*, ensino dedicado unicamente aos rapazes, pois a mulher estava, em termos sociais, confinada ao lar não podendo participar nas festividades em que existissem convidados, à exceção da ceia sabática e na ceia pascal.

Especificamente na Galileia, local onde Jesus se moveu de forma quase exclusiva, esta era maioritariamente judaica e rural. Os habitantes não judeus eram minoritários e estavam concentrados em duas povoações: Séforis e Tiberíades. Ambas as cidades não são mencionadas como tendo sido visitadas por Jesus. Contudo, existem duas povoações galileias que são fundamentais na vida de Jesus,

⁷⁶ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 70.

⁷⁷ *Ibidem*, 70.

⁷⁸ Bíblia Sagrada, 2ª edição, São Paulo, Lisboa, 1993.

“Nazaré, onde cresceu e viveu até ao início da sua atividade pública, situada- e isolada- nas montanhas da Baixa Galileia, e Cafarnaúm, a sua pátria de adoção, assente perto de Genesaré. Trata-se de duas povoações relativamente menores que não desempenham papel algum na história política da Galileia do século I d. C.”⁷⁹

A língua utilizada por Jesus, pelos judeus galileus e pela grande maioria dos judeus que vivia na Judeia era o aramaico. Esta foi a língua em que Jesus falou aos discípulos e que pregou ao povo. Existia uma segunda língua na Galileia, o grego. Esta era utilizada nas capitais Séforis e Tiberíades, por apresentar uma população mista, judaica e não judaica, pois o grego era usado por “não judeus da Galileia, pelo tetrarca Herodes Antipas e a sua corte, os seus oficiais e funcionários, as pessoas importantes do país e todos aqueles que desejam sê-lo,”⁸⁰ (militares, pequenos funcionários, como publicanos ou cobradores de direitos alfandegários e de impostos, bem como alguns judeus por razões comerciais ou por desejarem pertencer às classes dirigentes).

Para além da língua aramaica e grega existia ainda o hebraico, a língua própria da religião judaica, da Bíblia e da oração. As orações eram pronunciadas de cor e em hebraico pelos Judeus.

2.2. *Estilo de vida de Jesus e dos seus discípulos*

Jesus é o mestre de um povo e pretende passar uma mensagem ao público, mas não o faz sozinho. Para tal, iniciou a sua atividade reunindo junto dele um grupo de pessoas que o segue e aprende com ele, denominados discípulos (*mathétai*). Marcos enuncia as seguintes palavras de Jesus: “Se alguém quiser seguir-Me, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.” (Mc 16,24). Ou seja, para ser discípulo e seguir Jesus tem de se dizer não ao amor a si mesmo e colocar Jesus e o Evangelho acima de todas as coisas. Estes homens e mulheres que

⁷⁹ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 69.

⁸⁰ *Ibidem*, 72.

enfrentam dificuldades e Ihe permanecem fiéis são agrupados em dois grupos: os discípulos sedentários e os itinerantes. Os sedentários permanecem com as suas famílias oferecendo hospitalidade aos discípulos itinerantes. Estes foram aqueles que acompanharam Jesus na sua viagem de anúncio da mensagem do Reino com palavras e com curas e que adotaram o seu estilo de vida. Neste grupo encontramos doze homens que foram escolhidos diretamente por Jesus para formarem um círculo à parte dentro dos discípulos, pois com eles Jesus quer partilhar, de forma permanente, toda a sua vida como Filho de Deus e pretende enviá-los a anunciar o Reino e a curar doentes.

Os doze discípulos representam, “tal como sublinhou E.P. Sanders, as doze tribos do Israel restaurado. O sonho de reunir todo o povo de Deus, agora disperso por toda a Terra, no país prometido de Israel.”⁸¹ Os doze estavam, igualmente, vinculados ao governo final de Israel, depois da instauração do Reino. Jesus pretende sinalizar com os doze a universalidade da sua mensagem, restaurar Israel não do ponto de vista político e religioso, mas sim levar a presença curadora de Deus a todos, sobretudo aqueles que pelas suas condições de vida (doentes, pecadores, estrangeiros) devem ser restaurados no corpo e no espírito. “Os doze representam assim o desejo de Jesus em chegar a todo Israel e de promover a sua restauração definitiva, aqui e agora, mediante o anúncio da conversão e das curas.”⁸²

Este seguimento só é compreensível na linha do seguimento profético, em que Jesus chama pela palavra, com uma autoridade carismática. Em última instância não é o profeta, mas sim Deus quem chama. Contudo, “os discípulos não seguem alguém desconhecido, pois alguns dos homens chamados por Jesus já tinham feito parte do grupo de discípulos de João Baptista”⁸³ (cf. Jo 1,35ss), tendo conhecido Jesus através dele.

Os discípulos são chamados para uma missão, serem pescadores de homens e proclamarem a soberania de Deus aos homens, especificamente “os doze transformam-se numa extensão viva

⁸¹ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 289.

⁸² *Ibidem*, 292

⁸³ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 160.

da pessoa de Jesus e da sua atividade, no presente e no futuro.”⁸⁴ A sua função dirige-se igualmente para dentro, ou seja, para Jesus, para um tipo de seguimento que se afasta da relação discípulo-mestre rabínico, em que o discípulo deveria fazer tudo o que um escravo faria. Neste sentido, Jesus diz: “Pois qual é o maior: o que está à mesa, ou aquele que serve? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22, 27). Sendo assim, o primeiro objetivo de Jesus é que os discípulos o apoiem no exercício da sua própria missão, sendo esta inclusão a característica fundamental do seu discipulado e do seguimento. Para tal, Jesus estabelece uma relação pessoal e única com os discípulos, não só pela partilha da vida itinerante, mas “porque a sua adesão se desenvolve em termos de uma relação permanente e estável, o discípulo é o ‘recetáculo’ daquilo que Jesus diz e faz.”⁸⁵ Será ainda relevante referir que os discípulos estão totalmente dependentes de Jesus, pois a sua atividade só se compreende em comunhão com ele.

Jesus chama os discípulos e as mulheres que com ele viviam para uma vida itinerante e de anúncio da soberania de Deus. Este caminho foi maioritariamente realizado na Galileia, na região junto ao lago de Genesaret e junto a Cafarnaum. Neste caminho Jesus dá instruções aos discípulos para que cumpram a sua missão missionária.

“Jesus começou a percorrer as redondezas, ensinando nos povoados. Chamou os doze discípulos, começou a enviá-los dois a dois e dava-lhes poder sobre os espíritos maus. Jesus recomendou que não levassem nada para o caminho, além de um bastão; nem pão, nem saco, nem dinheiro na cintura. Mandou que andassem de sandálias e que não levassem duas túnicas. E Jesus disse ainda: ‘Quando entrardes numa casa, ficai nela até partirdes. Se fordes mal recebidos num lugar e o povo não vos escutar, quando sairdes sacudi a poeira dos pés como protesto contra eles.’” (Mc 6, 1-11)

Encontramos esta mensagem também em Mt 10, 5-15 e Lc 9,2-5; 10,2-12, e a mesma pretende indicar aos discípulos o que não devem levar na sua jornada, referindo a renúncia: ao pão, indicando que não deveriam levar consigo mantimentos; ao dinheiro, pois já na altura

⁸⁴ A. PUIG, A. *Jesus Uma biografia*, 288.

⁸⁵ *Ibidem*, 247.

deveria existir abusos na comunidade; ao saco, para que não mendiguem mantimentos; ao bordão, numa dupla perspectiva de mostrar pobreza e como poderia ser também usado como arma, a sua ausência simbolizaria a paz; e, as sandálias e a segunda túnica, para que mostrem simplicidade e pobreza.

Os discípulos viviam assim de forma carenciada e dependentes da ajuda exterior, não queriam, no entanto, seguir outros pregadores itinerantes que ensinavam filosofia moral, como Antístenes, Crates ou Buda, que renunciaram a todos os bens procurando a paz interior resultante da indiferença e do distanciamento do mundo e dos bens. Queriam sim ser ilustração da soberania de Deus, anunciada por eles e por Jesus. “Carenciados, indefesos, sem pretensões, os discípulos tinham consciência de estar entregues a esse Deus ou deviam sentir que dependiam daquele que iria implantar o seu Reino.”⁸⁶

Jesus pede aos seus discípulos todo este despojamento e ele próprio o segue, não possuindo mantimentos, dinheiro, saco, sandálias ou bordão, sendo assim um sinal de soberania de Deus, que é seguido pelos discípulos. Para ele e para os discípulos, a confiança num Deus que se preocupa com a humanidade leva ao entendimento de que quem se compromete totalmente com ela, pode contar com a ajuda de Deus. Tal como Jesus diz:

“Não vos preocupeis com o que haveis de comer, nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa? Olhai as aves: elas não colhem, não ajuntam nos celeiros (não têm celeiro)? E Deus alimenta--as. Não valeis vós mais do que elas? Porque haveis de vos preocupar com a roupa? Olhai como os lírios crescem. Não trabalham, não fiam. Mas eu digo-vos: Salomão, em toda a sua glória, nunca se vestiu como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que existe hoje amanhã será lançada ao forno, não fará muito mais por vós, gente de pouca fé? (Mt 6,25s.28-30 /Lc 12,23s.27s)”⁸⁷

O estilo de vida de Jesus era invulgar, itinerante, sem casa e celibatário, não seguindo assim os preceitos do Judaísmo, que afirmava que fundar uma família e ter filhos seria uma

⁸⁶ J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 168.

⁸⁷ *Ibidem*, 173.

obrigação, tal como sugerido por Gn 1,28: “Deus abençoou-os e disse-lhes: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei e submetei a terra; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam na terra.” Jesus dá razão para este celibato numa frase bastante enigmática “de facto, há homens castrados, porque nasceram assim, outros, porque os homens os fizeram assim; outros ainda castraram-se por causa do Reino de Deus.” (Mt 19,12)

Jesus escolhe o caminho do celibato por causa do Reino, ou seja, orientou a sua vida para Deus e para o Reino de forma exclusiva e total. Esta renúncia ao casamento e à família, permite-lhe dedicar-se completamente ao próximo, oferecendo todo o seu amor a quem ninguém ama. Jesus dedicou assim a sua vida aos outros, mas quem são estes outros, que o ouviam? Com base nas três bem-aventuranças introdutórias:

“Levantando os olhos para os discípulos, Jesus disse: ‘Felizes de vós, os pobres, porque o Reino de Deus vos pertence. Felizes de vós que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes de vós que agora chorais, porque haveis de rir.’ (Lc 6,20-21)”

Compreende-se que Jesus fale para os pobres, mas estes pobres não são unicamente aqueles que se tem de curvar e rebaixar (como indica a palavra grega *ptochós*; ou em hebraico, aqueles que estão na situação de terem de responder a um senhor).

O Antigo Testamento mostra-nos que existiu um aumento na discrepância entre as classes sociais no tempo da monarquia, a qual era criticada pelos profetas, afirmando estes que Deus era defensor dos pobres e que restabeleceria os seus direitos. O pobre é assim aquele que tem consciência da sua situação e se entrega a Deus, à sua vontade, contrariamente aos ricos que pretendem suplantar o direito de Deus. Assim, os pobres para quem Jesus falava não são os que se encontram numa classe economicamente inferior, mas os que apresentavam uma atitude de procura de encontro com Deus e a que Deus promete a salvação. No entanto, os evangelhos mostram que muitos dos ouvintes eram os doentes, marginalizados, e que se encontravam nessa classe economicamente inferior. O que os torna ouvintes é, contudo, a sua abertura à Palavra, tornando-se expressão de salvação e desafio a outros a acolher e seguirem

Jesus, pois Ele com naturalidade acolhe as pessoas que precisam dele, curando-os, restabelecendo-lhes a autoconfiança e ajudando na sua transformação interior.

Jesus e os discípulos foram assim testemunho da soberania de Deus, através das suas palavras, bem como do seu estilo de vida liberto de pretensões, separados das suas famílias e disponíveis totalmente para a causa de Deus e dedicação aos doentes e marginalizados, confiantes que Deus os ajudará na sua missão.

2.3. Reconhecimento de Jesus como Mestre

Jesus é reconhecido como Mestre e nos evangelhos encontramos essa menção cerca de sessenta vezes.

O primeiro reconhecimento de Jesus como Mestre fundamenta-se na identificação como tal por diversos grupos sociais, desde escribas e fariseus e não só pelos seus discípulos. Isto mesmo pode ser reconhecido em diversos textos bíblicos: Mt 12,38, “Então alguns doutores da Lei e fariseus disseram a Jesus: ‘Mestre queremos ver um sinal realizado por Ti’”; Lc 3,12, “Alguns cobradores de impostos também foram para ser batizados perguntaram: ‘Mestre que devemos fazer?’”; ou Mc 4,38, “Jesus estava na parte de trás da barca, dormindo com a cabeça num travesseiro. Os discípulos acordaram-n’O e disseram-Lhe: ‘Mestre não Te importa que morramos?’” Este reconhecimento ganha ainda mais relevo quando é reconhecido que Jesus não estudou para Mestre, tal como os escribas, surpreendendo os seus contemporâneos pela sua especial sabedoria.

O próprio Jesus em vários momentos se apresenta também como Mestre, como por exemplo em Jo 13,13-14: “Vós dizeis que Eu sou o Mestre e o Senhor. E tendes razão, porque o sou. Pois bem: Eu, que sou o Mestre e o Senhor, lavei-vos os pés; por isso vós deveis lavar os pés

uns aos outros.” Torna-se assim muito clara a lição que Jesus quer transmitir aos seus discípulos neste momento culminante da sua vida:

“Ser mestre é colocar-se aos pés dos discípulos. O caminho do mestre é o do serviço da entrega sem condicionamentos, até à morte. O autêntico mestre não deve usar o saber como poder sobre os outros, senão para capacitar, para eliminar cansaços e carências, para fazer crer os outros, para libertar quem se encontra oprimido.”⁸⁸

Jesus torna-se Mestre através da sua atividade de ensino, documentada pelos evangelistas, como é o caso de Lucas que refere “Jesus atravessava cidades e aldeias, ensinando e seguindo a caminhos de Jerusalém” (Lc 13,22).

“Ensinou em vários locais como a Galileia, a Samaria, a Judeia, na barca de Simão (Lc 5,3), nas praças (Lc 13,26), nas sinagogas da Galileia (Lc 4,15; cf Mt 4,23; Mt 9,35), de Nazaré (Mt 13,54) e de Cafarnaum (Mc 1,21) e no Templo de Jerusalém (Jo 7,14; 8,2; 8,20; 18,20; Mc 11,17).”⁸⁹

Ele ensinou todos os que o queriam ouvir e, tal como João Batista, não privilegiou qualquer grupo, tendo no seu coração um lugar especial para os incultos, pobres, os pecadores e todos os marginalizados da sociedade.

Jesus falou com os chefes do povo e enfrentou-os quando as suas opiniões se opunham ao encontro com Deus e estas conversas não foram infrutuosas, exemplo disso é

“Nicodemos, fariseu e membro do Sinédrio, que reconheceu, durante o seu encontro noturno com Jesus, em Jerusalém, que ele era o ‘mestre enviado por Deus’ (Jo 3,2) e mais tarde interveio para defender Jesus numa reunião com os fariseus (Jo 7,50-51) e ajudou ainda a preparar o corpo de Jesus para a sepultura (Jo 19,38-40).”⁹⁰

Ele ensinou igualmente os discípulos, instruindo-os para a sua missão, sendo mesmo realçado pelo evangelista Marcos que “à multidão Jesus só falava em parábolas, mas, quando estava sozinho com os discípulos, Ele explicava tudo” (Mc 4, 34). Ensinou também as mulheres,

⁸⁸ A. ESCLARÍN, *Jesús Maestro y Pedagogo*, 28.

⁸⁹ B. GRENIER, *Jesús el Maestro*, Madrid, San Pablo, 1996, 18.

⁹⁰ *Ibidem*, 20.

sendo de especial interesse este facto, pois diferencia Jesus dos rabinos que as excluía dos seus ensinamentos.

Jesus, como Mestre, apresenta características dos Mestres tradicionais da altura, que eram fundamentalmente os sacerdotes, os profetas e os sábios. Estas características fazem-se presentes não só no conteúdo dos seus discursos, mas também na forma como ensina, no uso de ditos e provérbios, parábolas, bem-aventuranças e no profundo respeito pela lei. Contudo,

“Jesus não estava disposto a glorificar e absolutizar a lei, como faziam alguns fariseus. Não a via como norma suprema que devia reger a conduta humana até ao último detalhe, mas era sim um canal através do qual Deus revelava a sua vontade ao seu povo. Todos os preceitos podiam assim resumir-se em dois mandamentos: no amor de Deus e no amor ao próximo (Mt 22, 34-40 e *par*).”⁹¹

É, igualmente, um Mestre profético que criticou a sabedoria convencional e as estruturas sociais da época, proclamando a palavra de Deus com paixão e autoridade e compartilhando ainda a visão e previsão dos profetas como intérpretes em tempos de crise, o seu compromisso com a justiça e a sua luta contra poderosos, contra a religião inautêntica e formalista, bem como partilhando o seu próprio destino. Tal pode ser confirmado no facto de Jesus ser, em algumas ocasiões, identificado como profeta (cf. Lc 7,16; 24,19 e Mt 21, 10-11). Estes são textos historicamente exatos e não resultam tanto da reflexão teológica à luz dos acontecimentos posteriores.

Jesus é também Mestre de um estilo de vida, de um caminho concreto de transformação, sendo Ele mesmo que assim se proclamou na Última Ceia: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Os primeiros cristãos descrevem a sua experiência crente, precisamente, como seguidores do caminho.

Falar de Jesus como Mestre requerer a abordagem sobre a origem da sua sabedoria, que tanto provocava espanto a tanta gente, pois Jesus ensina com autoridade plena e não como os Mestres da lei.

⁹¹ B. GRENIER, *Jesús el Maestro*, 32.

“O termo grego que é utilizado nos evangelhos para expressar esta autoridade é *exousia*, que significa liberdade (a tradução literal é ‘desde o próprio ser’). Sem dúvida existe uma estreita relação entre a autoridade que Jesus manifesta no magistério e a sua notável liberdade frente a instituições, diversos poderes, doutrinas oficiais e costumes sociais.”⁹²

Esta sabedoria, que atraía multidões, vem do Pai, tal como inúmeros textos dos evangelhos destacam essa particular e intensa relação, como

“a Minha doutrina não vem de Mim, mas d’Aquele que Me enviou. Se alguém está disposto a fazer a vontade de Deus, saberá se a Minha doutrina vem de Deus, ou se falo por Mim mesmo. Quem fala por si mesmo busca o próprio prestígio. Mas quem busca o prestígio d’Aquele que O enviou é verdadeiro, e n’Ele não há falsidade.” (Jo 7, 16-18)

É através dos relatos da vida de Jesus que compreendemos que Ele alimenta a sua sabedoria através da oração, na qual sustenta a sua fé e o seu compromisso. Por isso, nos vários evangelhos é referido que se afastava para orar e procurava o silêncio para escutar a voz de Deus. Jesus, na sua oração, experimenta Deus como Pai Amoroso, *Abbá*, preocupado com o bem-estar de cada um dos seus filhos e aprende a ler a realidade com os olhos misericordiosos do seu Pai.

A aprendizagem de Jesus deu-se de forma privilegiada através da única e profunda experiência de Deus como Pai, em que de forma inédita lhe chama *Abbá*. Este termo aramaico significava “Meu querido Pai” e até então nunca tinha sido utilizado em âmbito religioso. Ele poderia mesmo ter conotação ofensiva utilizada na invocação de Deus. O poder das obras de Jesus e a força das suas palavras derivam de uma mesma fonte: Deus, o Pai, sendo ele que lhe dá autoridade. Autoridade que Jesus exerce sendo um Mestre, um rabino singular, que guarda a Lei, mas que a interpreta de forma pessoal, ou seja,

“não se limita a ler e a comentar o Decálogo: relê-o e confere-lhe uma nova fisionomia, recompõe o seu sistema de relações internas, transforma o duplo mandamento do amor no

⁹² A. DAUSÁ, *Encuentros com el maestro- La pedagogia de Jesús de Nazaret*, Editorial Caminos, Havana, 2002, 30.

centro que orienta qualquer mandamento, reforça as normas éticas e relativiza os preceitos rituais, reafirma a Lei e ao mesmo tempo abre brechas nela.”⁹³

Jesus apresenta uma ética do coração e da ação, mostra que o critério definitivo é o Reino de Deus e não o cumprimento da Lei. Mostrando-se aos “olhos das pessoas, de acordo com as palavras de Flávio Josefo, como ‘um homem sábio (...), um mestre de pessoas que acolhem com agrado aquilo que é certo’⁹⁴ e, também, na sua linguagem expõe consistência e autoridade com a qual se expressa, iniciando afirmações com o termo “Ámen”, que se traduz por “garanto-vos” ou “em verdade”, indo estas suas palavras levar à prática, pois Jesus é um Mestre que convida os seus discípulos a segui-l’O com uma decisão que abarca toda a vida.

2.4. Pedagogia de Jesus

Jesus exerceu a sua função de Mestre. Se analisarmos como o fez poder-se-á iluminar o percurso educativo, pois os ensinamentos de Jesus assentam numa pedagogia que tem como foco principal a formação integral das pessoas para induzir mudanças profundas nas suas vidas, para que alcancem a sua plenitude e a verdadeira felicidade.

Desde o início do seu ministério que a atividade pedagógica de Jesus é indicada pelos evangelistas. Marcos diz:

“Foram à cidade de Cafarnaum e, ao sábado, Jesus entrou na sinagoga e começou a ensinar. As pessoas ficavam admiradas com o Seu ensinamento, porque Jesus ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei.” (Mc 1, 21-22)

Jesus é reconhecido por ensinar sobre a vida, não ensinando com base em estudos ou títulos, como os doutores da Lei, mas sim com suporte na sua vida, nas suas vivências e experiências, falando com o coração. Jesus era sem dúvida muito inteligente e conseguia chegar onde

⁹³ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 469-470.

⁹⁴ *Ibidem*, 470.

pretendia, ou seja, chegar ao povo e provocar-lhe uma reflexão e a sua conversão, através da compreensão do porquê e do para quê da sua vida.

A estratégia fundamental de Jesus passava por ensinar através das suas ações e da sua palavra, e aquilo que o distinguiu-a dos mestres profissionais era a total coerência entre elas.

O caminho da sua missão é um percurso de valentia, liberdade e inovação, nunca cedendo às tentações e aceitando o seu destino, morrendo na cruz com sofrimento, mas sem o menor rasgo de amargura ou desalento, entregando-se totalmente à vontade do Pai, morrendo a perdoar aos que o crucificavam: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 24).

Jesus ensinou numa total liberdade e criatividade, superando a doutrina, tradições e instituições da época. Este foi livre e criativo frente ao dinheiro, vivendo de forma humilde e pobre, comendo do que lhe davam e dormindo na casa daqueles que o acolhiam, transmitindo essa forma de vida aos discípulos: “Jesus recomendou que não levassem nada para o caminho, além de um bastão; nem pão, nem sacola, nem dinheiro na cintura. Mandou que andassem de sandálias e que não levassem duas túnicas” (Mc 6, 8-9). Foi livre e criativo frente à sua família. Jesus supera as estreitas margens da sua família para se abrir à grande família de Deus e à fraternidade universal que o Pai deseja. É igualmente livre e criativo frente às normas, às aparências e ao que dizem, na sociedade, onde imperavam normas e barreiras religiosas, económicas e sociais que asfixiavam a vida. Jesus, escandalizando fariseus e gentes religiosas, rompe com esquemas, moldes e tradições, apresentando uma nova conduta. Ele reúne-se e come com pecadores e publicanos (chamando Mateus, para o seguir), relaciona-se com prostitutas, adúlteras, samaritanas e doentes. Também frente ao poder Jesus se apresenta livre e criativo. Ele

”entrou em Jerusalém montado num burrito, como os pobres. Manteve a sua dignidade diante dos Sumo Sacerdotes, Herodes e Pilatos, sem se intimidar, sem se prestar a jogos e sem se deixar utilizar. Ele, que os podia ter destroçado com os seus argumentos, contudo preferiu calar-

se. Não tentou defender-se com a sua eloquência e pelo que tinha feito e ensinado. Não lhe interessava discussões meramente académicas. Os derrotou com o seu silêncio. Não se acobardou, não implorou clemência, não tentou justificar-se.”⁹⁵

Jesus foi, ainda, livre e muito criativo perante a Lei. Esta era o bem mais sagrado para os judeus, sendo o seu cumprimento rigoroso a possibilidade para a perfeição e para a santidade. No entanto, para Jesus verdadeiramente importante eram as pessoas, afirmando que a lei deveria estar ao serviço das mesmas, sendo legítimo quebrá-la quando ela era usada para escravizar ou como meio de conquistar a vontade de Deus. Ele não se inibiu de curar um parálítico ao sábado (cf. Jo 5,1-15), que era totalmente proibido, declarando que “O sábado foi feito para servir o homem, e não o homem para servir o sábado.” (Mc 2, 27)

A liberdade criativa de Jesus pretende assim libertar o homem de todo o tipo de amarras que podem limitá-lo a alcançar a plenitude. Os seus ensinamentos e a sua pedagogia são caminhos de libertação, pois ser pessoa é um valor absoluto.

Jesus, através do acolhimento a todos independentemente das suas experiências, saberes ou preocupações, fundamenta e apresenta uma pedagogia do amor e da inclusão. Jesus propõe um novo mandamento: o amor, por todos, pelo próximo, expresso claramente na sua parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37). Mostra assim que o amor é mais exigente que a lei e o seu amor por todos, especialmente pelos doentes, pobres e marginalizados.

Este amor permitiu a Jesus chegar aos discípulos, demais seguidores e povo. Ele mostrava-se preocupado com cada um, com as suas preocupações, saberes e experiências particulares, sendo sempre capaz de descobrir e valorizar o lado positivo de cada pessoa. Era um Mestre que cativava e ensinava a partir dos conhecimentos dos ouvintes, da sua situação, dos seus problemas, medos, relacionando a pedagogia com o contexto político, económico e social.

“Jesus fala a partir do concreto e com imagens precisas e concretas, quotidianas, quase evidentes, fruto da observação. Quando cria e conta parábola- relatos fictícios, mas totalmente

⁹⁵ Cf. A. ESCLARÍN, *Jesús Maestro y Pedagogo*, 66.

verosímeis- em que pega, para as construir, em fragmentos da realidade do seu tempo, sendo fácil uma pessoa sentir-se-à-vontade.”⁹⁶

Podemos ainda afirmar que Jesus é um pedagogo da inculturação, isto é, através do seu amor incondicional esforçou-se sempre por aceitar o próximo, compreendê-lo, colocando-se no seu contexto. Ele conseguia assim aceitar e valorizar cada pessoa com a sua história e circunstância particular.

O impacto pedagógico na comunidade verificou-se pelo conteúdo dos seus ensinamentos, mas também pela forma pedagógica como os realizava, pois pretendia levar à reflexão, ao questionamento, à conversão e à revolução profunda do coração.

Jesus utilizou a pergunta como método pedagógico, querendo estimular a arte de pensar ao problematizar situações e introduzindo perguntas desestabilizadoras. Nos evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas), Jesus faz 98 perguntas e no evangelho de João são apresentadas 171 perguntas.⁹⁷

As perguntas lançadas por Jesus levam ao questionamento sobre as próprias ideias e convicções e procuram estimular o pensamento profundo e reflexivo sobre os seus ensinamentos. Tudo isto para que se modifiquem as atitudes e comportamentos dos ouvintes. Contudo, é de salientar que Jesus lançava as perguntas, mas as respostas exigiam de cada um uma reflexão e uma tomada de posição, fundamentada nas suas convicções e no seu contexto. Assim, estas perguntas promoviam o diálogo, a criatividade e estimulavam a descoberta de novos caminhos para a vida. Esta metodologia mostrou-se atrativa e fascinante para o povo. Contudo, as autoridades viam esta adesão do povo com particular atenção e preocupação.

A parábola é um dos outros métodos utilizados por Jesus no seu processo de ensino. Em hebraico é denominado “*mashal*”, já em grego é denominado “*parabolé*” (“*para*” = junto a + “*ballein*” = colocar), cuja raiz implicava colocar as coisas lado a lado para compará-las.

Dodds define parábola como:

⁹⁶ A. PUIG, *Jesus Uma biografia*, 333.

⁹⁷ Ver em A. ESCLARÍN, *Jesús Maestro y Pedagogo*, 65.

”uma metáfora ou comparação tomada da natureza ou da vida diária que atrai o ouvinte pela sua vida ou singularidade e deixa a mente com certa dúvida sobre sua aplicação exata, de modo que estimula uma reflexão ativa.”⁹⁸

Jesus, através das parábolas, foi capaz de transmitir ensinamentos profundos e complexos com histórias aparentemente simples, mas que exigiam reflexões profundas. Os evangelhos conservam mais de 40 parábolas que referem imagens muito realistas, representantes da vida diária, o que permite a captação da atenção dos ouvintes. Contudo, as narrações captavam igualmente a atenção por sofrerem uma mudança dramática e surpreendente no rumo da história, colocando os ouvintes frente a situações incômodas, provocando perguntas e despertando dúvidas. Assim se obrigava o ouvinte a sair dos seus esquemas e pensamentos tradicionais.

As parábolas são, ainda, polivalentes. Os seus significados são múltiplos e até mesmo o seu ponto central muitas vezes permanece impreciso, levando a interpretações diferentes, consoante o auditório a quem se dirige, ou seja, a sua linguagem permite que o seu conteúdo seja traduzido interiormente por cada pessoa com base na sua própria linguagem interior, provocando uma busca de respostas integradas na sua própria motivação.

Jesus utiliza também nos seus discursos os provérbios. “Marcus Borg define-os como ‘ditos breves e concisos em que se cristalizam e concentram a sabedoria’ São bons conselhos que são familiares e cuja verdade é evidente para todos, à exceção dos insensatos.”⁹⁹ Estes poderiam não ser originais, mas eram usados de maneira original como mostram os quatro evangelhos.

Por fim, pode afirmar-se que Jesus utiliza a pedagogia do respeito e da liberdade, nunca forçou nem utilizou o seu poder no processo do ensino. Com os apóstolos, mostrou paciência,

⁹⁸ C. DODD, *Las Parábolas del Reino*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1974, 25.

⁹⁹ B. GRENIER, *Jesús el Maestro*, 35.

quando eles não o compreendiam. “Nunca julgou, nunca se impôs, mas sim referia ‘Se queres, se estás disposto’.”¹⁰⁰

Jesus é assim um exemplo de coerência entre palavras e ações. Tal como afirma João Paulo II:

“quando ensinava, a coerência e a força persuasiva, únicas do seu ensino, não se conseguem explicar senão porque as suas palavras, parábolas e raciocínios nunca são separáveis da sua vida e do seu próprio ser. Neste sentido, toda a vida de Cristo foi um ensinar contínuo: os seus silêncios, os seus milagres, os seus gestos, a sua oração, o seu amor pelo homem, a sua predileção pelos pequeninos e pelos pobres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo e a sua ressurreição, são o atuar da sua palavra e o realizar da sua revelação.”¹⁰¹

Em todas as suas ações e palavras e em toda a sua pedagogia, Jesus não se move sobre a base da transferência de conhecimentos, mas sim na pronta procura de mudança, assegurando e fortalecendo todas as condições possíveis para conquistar a autonomia e libertação do ser humano. Para ele, o lugar central é a pessoa humana e a meta de qualquer processo educativo é a liberdade do ser humano, de todos sem exclusão de ninguém.

¹⁰⁰ A. ESCLARÍN, *Jesús Maestro y Pedagogo*, 74.

¹⁰¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, Edição Paulinas, São Paulo, 1979, 9.

CAPÍTULO III- O PODER DO EXEMPLO DO PAPA

FRANCISCO

O ensino é um desafio constante em que o professor ao longo do processo de ensino/aprendizagem deve procurar utilizar estratégias que melhor se adequem a cada contexto e que visem a promoção e desenvolvimento das competências essenciais da disciplina.

“No caso específico da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ‘a confessionalidade da disciplina significa que a perspectiva a partir da qual a disciplina lê a realidade- a sua visão do mundo- é a perspectiva cristã, em geral, e católica, em particular, proposta como uma visão coerente e articulada com os diversos âmbitos da cultura e da ciência’ que o Sistema Educativo oferece, isto é, ‘o património objetivo do cristianismo, segundo a interpretação autêntica que lhe dá a Igreja católica, de modo a garantir a cientificidade do processo didático próprio da escola.’”¹⁰²

Assim, tendo consciência que é imprescindível uma correta e diversificada utilização das várias metodologias pedagógicas, de forma a facilitar a aprendizagem por parte dos discentes e partindo da especificidade da disciplina de EMRC e que esta se fundamenta na interpretação autêntica que lhe dá a Igreja católica, a exposição do exemplo do Papa Francisco na leção da UL demonstra-se uma ótima estratégia pedagógica.

A estratégia pedagógica de utilização do exemplo do Papa Francisco, na leção da UL 2 “Jesus um homem para todos” que objetiva a apresentação de Jesus Cristo e da sua história aos alunos enriquece e facilita as aprendizagens, pois existe a associação entre a imagem de Jesus e o exemplo do Papa Francisco, representante máximo da Igreja católica e testemunho estimulante de Cristo.

¹⁰² SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 155.

A estratégia utilizada fundamenta-se igualmente, na aprendizagem social, defendida por vários autores entre eles, Bandura, este refere que:

“A aprendizagem seria excessivamente laboriosa, para não dizer fortuita, se as pessoas tivessem de se basear apenas nos efeitos das suas próprias ações para obterem informação sobre o que fazer. Felizmente, a maior parte do comportamento humano é aprendida por observação, através de modelagem: a partir da observação dos outros formamos uma ideia de como os novos comportamentos são desempenhados e, em ocasiões posteriores, esta informação codificada serve como um guia para a ação. Como as pessoas podem aprender comportamentos a partir de exemplos, pelo menos de forma aproximada, antes de os desempenharem, tal facto poupa-as a muitos erros.”¹⁰³

Assim, através da aprendizagem por observação dos comportamentos descritos de Jesus, bem como do Papa Francisco, na atualidade o processo de aprendizagem apresenta

“três passos: (1) o aluno tem que prestar atenção aos aspetos cruciais daquilo que vai aprender, (2) o aluno tem que reter ou lembrar-se do comportamento e (3) o aluno tem que conseguir reproduzir ou realizar o comportamento.”¹⁰⁴

E para tal, a lecionação da UL teve em consideração os seguintes comportamentos estratégicos, referidos por Bandura como essenciais para a aprendizagem social, nomeadamente:

“Utilizar estratégias para ganhar a atenção dos alunos; assegurar-se de que a observação não é demasiado complexa; relacionar as novas competências com o conhecimento prévio dos alunos; utilizar a prática para assegurar a memorização a longo prazo; assegurar uma atitude positiva em relação à nova competência, para que os alunos se sintam motivados para reproduzir ou utilizar o novo comportamento.”¹⁰⁵

Sendo assim, facilitado o alcance dos objetivos e metas da lecionação. É igualmente importante referir com base no feedback e participação dos alunos, que estes aderiram e apreenderam corretamente a mensagem transmitida através do exemplo do Papa Francisco,

¹⁰³ Bandura, citado em R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008, 290.

¹⁰⁴ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008, 290.

¹⁰⁵ *Ibidem*, 290.

sendo facilmente reconhecido na clareza como o recordavam e expressavam a mensagem transmitida nos vários comportamentos.

3.1. O exemplo do Papa Francisco

Através do testemunho do Papa Francisco observamos, na atualidade, a imagem de Jesus. Esta análise do testemunho não pretende refletir o mediático, mas sim expor o exemplo do Papa como, presença viva de Jesus na terra e representação da Igreja Católica alicerçado na mensagem de simplicidade, misericórdia e amor ao próximo deixada pelo Filho de Deus. O Pe. Luís Erlin reforça esta ideia referindo que

“o modelo ideal de educador apresentado por Francisco é o próprio Jesus, o Mestre, que acredita na mensagem que prega, respeita as diferenças e o tempo de cada um, olha com misericórdia e acolhe, sem fazer distinção de pessoas, e liberta para a vida – vida em plenitude.”¹⁰⁶

O próprio Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, alerta para que se siga, a luz do Mestre,

“sobre a essência da santidade, podem haver muitas teorias, abundantes explicações e distinções. Uma reflexão do género poderia ser útil, mas não há nada de mais esclarecedor do que voltar às palavras de Jesus e recolher o seu modo de transmitir a verdade. Jesus explicou, com toda a simplicidade, o que é ser santo; fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. *Mt* 5, 3-12; *Lc* 6, 20-23). Estas são como que o bilhete de identidade do cristão. Assim, se um de nós se questionar sobre «como fazer para chegar a ser um bom cristão», a resposta é simples: é necessário fazer – cada qual a seu modo – aquilo que Jesus disse no sermão das bem-aventuranças. Nelas está delineado o rosto do Mestre, que somos chamados a deixar transparecer no dia-a-dia da nossa vida.”¹⁰⁷

O agora Papa Francisco era já um exemplo e um modelo como Jorge Mário Bergoglio, Arcebispo de Buenos Aires. Era reconhecido na Argentina e em todo o continente pela sua simplicidade, pela sua grande proximidade ao seu povo e por alguns hábitos pouco comuns

¹⁰⁶ J. BERGOGLIO, *Educar: Escolher a Vida e Testemunhar a Verdade*, 8.

¹⁰⁷ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 2018, 63.

entre os seus pares como por exemplo o facto de ter sempre viajado de transportes públicos por toda a diocese, durante os quinze anos do seu Ministério Episcopal. Todas estas particularidades o distinguiam dos outros pastores, fator que fez com que fosse muito amado na sua diocese.

Ainda como Arcebispo, afirmou várias vezes

“‘O meu povo é pobre e eu sou um deles’, para explicar a escolha de morar num apartamento e de preparar o jantar sozinho. Aos seus sacerdotes sempre recomendou misericórdia, coragem apostólica e portas abertas a todos. A pior coisa que pode acontecer na Igreja, explicou nalgumas circunstâncias, ‘é aquilo ao que de Lubac chama mundanidade espiritual’, que significa ‘pôr-se a si mesmo no centro’. E quando citava a justiça social, convidava em primeiro lugar a retomar nas mãos o catecismo, a redescobrir os dez mandamentos e as bem-aventuranças. O seu programa é simples: se seguirmos Cristo, compreenderemos que ‘espezinhar a dignidade de uma pessoa é pecado grave’”.¹⁰⁸

A formação do Papa Francisco foi diversificada. Jorge Mário Bergoglio diplomou-se como técnico químico e só mais tarde iniciou o seu percurso para o sacerdócio, integrando o seminário de *Villa Devoto* e a 11 de março de 1958 iniciou o seu noviciado na Companhia de Jesus. No seu itinerário educacional, completou os estudos humanísticos no Chile. Licenciou-se em 1963, em filosofia e em 1970, em teologia, no colégio de São José, em San Miguel. Contribuiu, igualmente, para a formação de outros, lecionando literatura e psicologia no colégio da Imaculada de Santa Fé e no colégio do Salvador, em Buenos Aires.

A 13 de dezembro de 1969 foi ordenado sacerdote pelo arcebispo D. Ramón José Castellano e, a 22 de abril de 1973, emitiu a profissão perpétua nos jesuítas. Teve a oportunidade de ser Mestre de noviços na Villa Barilari, professor na faculdade de teologia, reitor do colégio de São José, provincial dos jesuítas e diretor espiritual e confessor na igreja da Companhia, na cidade de Córdoba.

¹⁰⁸ Biografia do Santo Padre Francisco consultado em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>, a 21 de maio de 2018.

A convite do cardeal Antonio Quarracino, tornou-se o seu estreito colaborador em Buenos Aires e a 20 de maio de 1992, João Paulo II nomeou-o bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. A 3 de Junho de 1997, foi nomeado arcebispo coadjutor de Buenos Aires. Após o falecimento do cardeal Quarracino, sucedeu-o como arcebispo, a 28 de fevereiro de 1998. A 21 de Fevereiro de 2001, João Paulo II nomeou-o cardeal, atribuindo-lhe o título de São Roberto Bellarmino.

“Em outubro de 2001 foi nomeado relator-geral adjunto da décima assembleia-geral ordinária do Sínodo dos bispos, dedicada ao ministério episcopal. No Sínodo, sublinhou de modo particular a ‘missão profética do bispo’, o seu ‘ser profeta de justiça’, o seu dever de ‘pregar incessantemente’ a doutrina social da Igreja, mas também de ‘expressar um juízo autêntico em matéria de fé e de moral’.”¹⁰⁹

Ao longo do seu percurso, a sua figura foi-se tornando cada vez mais popular pela sobriedade da sua índole, estilo de vida rigoroso, tendo sido mesmo descrito como “ascético”.

“Como arcebispo de Buenos Aires, pensou num projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, com quatro finalidades principais: comunidades abertas e fraternas; protagonismo de um laicado consciente; evangelização destinada a cada habitante da cidade; assistência aos pobres e aos enfermos. O seu objetivo era reevangelizar Buenos Aires, ‘tendo em consideração os seus habitantes, o modo como ela é e a sua história’. Convidou sacerdotes e leigos a trabalharem juntos. Em setembro de 2009 lançou a campanha de solidariedade a nível nacional, em vista do bicentenário da independência do país: duzentas obras de caridade a realizar até 2016.”¹¹⁰

O Arcebispo Jorge Mário Bergoglio era assim reconhecido pela sua humanidade e compromisso com os pobres. Aquando da eleição do Papa Bento XVI, também ele tinha sido um dos votados para Papa. Não foi o escolhido na altura, mas deslumbrou igualmente os cardeais na sua pequena intervenção na Congregação Geral, realizada a dia 7 de março de 2013, na qual

¹⁰⁹ Biografia do Santo Padre Francisco consultado em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>, a 21 de maio de 2018.

¹¹⁰ Ibidem.

“falou da evangelização, razão de ser da Igreja, que deve sair de si própria e ir às periferias. Periferias não só geográficas, mas também existenciais: do ministério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância, da falta de fé, do pensamento, de cada forma de miséria. Criticou a Igreja ‘autorreferencial, doente de narcisismo, que dá lugar a esse mal que é a mundanidade espiritual, esse viver para dar glória uns aos outros’. ‘Há duas imagens de Igreja: a Igreja evangelizadora, que sai de si mesma, a Igreja da palavra de Deus, que a escuta e proclama fielmente; ou a Igreja mundana, que vive dentro de si, por si e para si. Isto deve iluminar as possíveis mudanças e as reformas a realizar para salvação das almas.’”¹¹¹

Posteriormente, a 13 de março, o Arcebispo Jorge Mário Bergoglio foi eleito Papa, escolhendo ser chamado Francisco, à semelhança de “Francisco de Assis, padroeiro de Itália, o santo dos pobres, um nome que constitui, por si só, um programa de governo.”¹¹² Até então nenhum Pontífice tinha escolhido o nome do *poverello* de Assis que, na Idade Média, se atreveu a criticar os luxos de Roma e que abandonou todas as suas riquezas para se entregar a Deus, às suas criaturas e aos pobres. O Papa Francisco tinha consciência desde o início que governaria uma Igreja católica que se encontrava numa crise profunda. “O consumismo e o secularismo reinam em todo o mundo- um mundo que se esqueceu do Além- e sobretudo na Europa de raízes cristãs, onde quase não há vocações e as igrejas estão vazias.”¹¹³ Logo, Francisco de Assis era uma inspiração, como homem de paz, o Papa refere que “Francisco de Assis, para mim, é o homem da pobreza., o homem da paz, o homem que ama e guarda a Criação”¹¹⁴, dizendo mesmo numa entrevista “Ah, como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres!”¹¹⁵

Desde o primeiro minuto após a nomeação que o Papa Francisco marca pela sua coerência e exemplo de humildade. Escolhe usar a sua habitual cruz e o seu anel de prata, rejeitando a cruz peitoral pontifical, de ouro, tal como não utiliza a murça vermelha e os mocassins vermelhos, mantendo os seus sapatos ortopédicos pretos. Também no cerimonial não é

¹¹¹ E. PIQUÉ, *Francisco Vida e Revolução*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2014, 25.

¹¹² *Ibidem*, 171.

¹¹³ *Ibidem*, 171.

¹¹⁴ *Ibidem*, 177.

¹¹⁵ *Ibidem*, 177.

seguido o protocolo, pois ao sair da *stanza delle lacrime*, em vez de caminhar para o altar, vemo-lo caminhando para saudar o arcebispo emérito de Bombaim Ivan Dias, que se encontrava muito doente. Toda a sua humildade e espontaneidade continuava a conquistar o mundo quando impediu que os cardeais do Vietname, Jean Baptiste Pahn Minh Man e da China, John Tong Hon lhe beijassem a mão, sendo ele a fazê-lo a eles.

Na sua primeira aparição ao povo revela a sua diferença, humildade e simplicidade, homenageando o Bispo emérito Bento XVI e dirigindo-se a todos dizendo:

“E agora, iniciemos este caminho: bispo e povo. Este caminho da Igreja de Roma, que é a que preside na caridade a todas as Igrejas. Um caminho de fraternidade, de amor e de confiança entre nós. Rezemos sempre por nós: uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que surja uma grande fraternidade. Desejo que este caminho da Igreja que hoje começamos e no qual me ajudará o meu cardeal vigário, aqui presente, seja frutífero para a evangelização desta cidade tão bela.”¹¹⁶

Destaca-se, ainda, por pedir que rezem para que o Senhor o abençoe e ao se inclinar para frente e baixar a cabeça perante os milhares de pessoas que estavam na praça.

Nas suas primeiras vinte e quatro horas como Papa, depressa se percebe, que está habituado a agir sozinho, a ser o próprio a realizar as tarefas necessárias. Quando lhe é sugerido que envie um assistente para recolher os seus pertences, ele recusa, querendo ser ele próprio a ir buscá-los, quer pagar a sua conta e despedir-se do pessoal da Casa Internacional do Clero.

O Papa Francisco queria continuar a agir como sempre o tinha feito sem intermediários. Queria continuar a ligar aos seus amigos, ao seu dentista, ao sapateiro que lhe costumava fazer os sapatos ortopédicos, a visitar os seus amigos doentes, como fez com o cardeal Jorge Mejía, aproveitando para falar com os doentes dos cuidados intensivos, rezar com a comunidade religiosa do hospital e agradecer todo o seu trabalho.

Outro momento marcante, ainda no decorrer do primeiro dia, é a sua escolha de falar do fundo do coração na sua primeira homilia fundacional, não lendo nenhuma folha preparada de

¹¹⁶ E. PIQUÉ, *Francisco Vida e Revolução*, 43.

antemão. Nela “de forma concisa, simples e direta, traça o programa do seu papado: regressar aos fundamentos essenciais, à forma original, mais pura, mais despojada, da Igreja: ‘Caminhar, edificar e confessar, levando a cruz de Cristo.’”¹¹⁷

Jorge Bergoglio destaca a importância de a centralidade da Igreja ser o Mestre, Jesus Cristo, afirmando que “Cristo é o pastor da Igreja, mas a sua presença na história passa pela liberdade dos homens: entre eles, um é eleito para servir como seu vigário, sucessor do apóstolo Pedro.”¹¹⁸ Aqui, mostra querer seguir o exemplo de Cristo e ser presença viva dele, entre os povos. Seguindo a sua coerência entre ações e palavras, quer estar junto dos seus e para tal não altera a sua residência para o apartamento do terceiro piso do Palácio Apostólico, mantendo assim a sua residência oficial na *Domus Sanctae Martae*. O próprio refere que

“não é apenas por questão de não amar a riqueza, mas sinto a necessidade de viver no meio das pessoas. Se eu vivesse isolado, não seria bom para mim. Fico em Santa Marta por motivos psiquiátricos.”¹¹⁹

Realça, igualmente, que à semelhança de Jesus, que se dedicava a doentes e marginalizados, quer que a Igreja chegue junto dos mais pobres, débeis e pequenos, partindo de si próprio :

“o próprio Papa, para exercer o poder deve entrar cada vez mais nesse serviço que tem o seu cume luminoso na cruz, deve fixar os seus olhos no serviço humilde, abrir os braços para guardar todo o povo de Deus, especialmente os mais pobres, os mais débeis, os mais pequenos. Só quem serve com amor sabe guardar.”¹²⁰

Foi assim, através da beleza e inteligência das suas palavras aliada a um sentido de humor único, e da espontaneidade e modéstia das suas ações que o Papa Francisco foi cativando cada vez mais adeptos por todo o mundo. A eleição de Jorge Bergoglio veio despertar a Igreja católica, que se encontrava abalada por várias crises e escândalos. O ambiente na Praça de São Pedro alterou-se de imediato. As pessoas olham para o Papa Francisco como um deles,

¹¹⁷ E. PIQUÉ, *Francisco Vida e Revolução*, 176.

¹¹⁸ FRANCISCO, citado em E. PIQUÉ, *Francisco Vida e Revolução*, 177.

¹¹⁹ Ibidem, 181.

¹²⁰ Ibidem, 190.

como alguém que fala como eles e entende o que eles sentem. O próprio Papa fundamenta toda esta esperança mantendo o seu lema *Miserando atque eligendo* (Olhou-o com misericórdia e elegeu-o), lema anteriormente escolhido quando foi designado Bispo, em 1992, e através das homilias dos primeiros dias que refletem que tipo de Papa que será para a Igreja. Cedo manifesta o desejo de querer voltar a colocar de pé a Igreja, quer voltar a atrair as ovelhas perdidas, a dialogar com as outras religiões e com o mundo de hoje. Apela ao diálogo, à edificação da paz, à construção de pontes e à luta contra a pobreza material e espiritual.

O Papa Francisco fala aos corações, denuncia a corrupção, a hipocrisia e o duplo discurso que por vezes há no clero, a sede de poder, as injustiças, os conflitos económicos, os crimes contra a vida humana e contra a criação e pede, “não deixem que vos roubem a esperança que Jesus nos dá! Nunca sejam homens e mulheres tristes! Um cristão nunca o pode ser. Nunca se deixem vencer pelo desânimo!”¹²¹

Mostrando que quer mudar a Igreja e o Papado, depressa passa das palavras aos atos. Um desses momentos decorreu na Quinta-feira Santa, quando pela primeira vez na história lava os pés a duas mulheres e a dois muçulmanos, que fazem parte de doze jovens da prisão de menores de Casal del Marmo de Roma. O Papa reforça o seu ato referindo: “Faço-o de coração, porque é meu dever. Como sacerdote e como bispo, devo estar ao vosso serviço.”¹²² Também, em audiência geral, Francisco destaca o papel primordial das mulheres e, posteriormente, inclui várias mulheres em diversas comissões por si criadas. Apesar de existirem vozes oponentes ao Papa Jorge Bergoglio, a maioria dos católicos, e inclusive de não católicos e não crentes, estão sintonizados com ele e sentem-se interpelados pelo seu testemunho cristão.

¹²¹ PAPA FRANCISCO, citado em E. PIQUÉ, *Francisco Vida e Revolução*, 193.

¹²² *Ibidem*, 193.

“Entre a multidão há muitos não crentes. ‘Sou ateia, mas este Papa encanta-me’, confessa-se certo dia Susana, uma argentina, que de viagem à Europa, não pode deixar de vir aclamar o seu compatriota que está a dar uma lição de humanidade ao mundo.”¹²³

O “efeito Francisco” reflete-se um pouco por todo o mundo. O “fenómeno Francisco” é verificado nas suas visitas Papais pelos locais que visita, como no Brasil, ao ter decidido visitar e passar parte do seu tempo na favela da Varginha, uma das setecentas e sessenta e três favelas do Rio de Janeiro, bem como um hospital de toxicod dependentes e ter, ainda, uma reunião com menores detidos. Este “fenómeno Francisco” foi estudado em Espanha, pelo escritor Rubén Cruz, que apresenta os resultados no artigo “Espanña examina al Papa”, na revista *Vida Nueva*. O autor indica que o Papa Francisco é qualificado de forma notável, com a classificação de 7,1, segundo o estudo de opinião pública da NC Report, sobre os primeiros 5 anos do seu pontificado. Francisco é aplaudido tanto quando joga dentro como fora de casa. Ele é aprovado por ateus (classificado com 5,6), católicos (classificado com 7,3) e crentes de outras religiões (classificado com 6,8).

“Dolores García Pi, presidente do Fórum de Laicos considera que é ‘interessante constatar que a classificação que é dada a Francisco é bastante homogénea por diferentes faixas etárias- pouco mais de um ponto de diferença. Valoriza-se muito a sua proximidade e a sua abertura, ter instaurado a cultura de encontro frente à do descartável, mostrar a alegria do seguimento do Evangelho e nos empurrar a ir às periferias do mundo. E especialmente a coerência entre o ser e as suas obras.”¹²⁴

É importante realçar que os espanhóis conseguem reconhecer que o Papa Francisco tem como prioridade a defesa dos pobres e marginalizados, bem como combater os problemas internos da Igreja. Garcia Pi, afirma que

¹²³ PAPA FRANCISCO, citado em E. PIQUÉ, *Francisco Vida e Revolução*, 217.

¹²⁴ R. CRUZ, “Espanña Examina al Papa”, *Vida Nueva*, Nº3.074/4, Madrid, 10-16/4/2018, 8.

“Bergoglio faz frente a anos de problemas que afetam grandes segmentos da sociedade e que provocam dor e sofrimento. Este fê-lo com valentia, sem se esconder e com gestos concretos, sabendo reconhecer também com humildade os pecados de algumas pessoas da Igreja.”¹²⁵

Também o estudo de Rubén Cruz¹²⁶ vem comprovar o anteriormente referido, no que se refere à mudança de opinião sobre a Igreja, com a mudança de líder. Cerca de 63,2% considera que a imagem da instituição melhorou nos últimos cinco anos e 55,2% crê que o Papa Francisco está a provocar uma revolução, pela sua preocupação com os problemas sociais, por tratar assuntos que anteriormente eram encobertos, por abrir a Igreja, tornando-a visível e com uma linguagem que todos entendem e porque todo o mundo se sente identificado com a sua mensagem.

O Papa Francisco é assim uma pessoa de uma enorme riqueza, sendo reconhecido como tal e como um líder, um Mestre pelas suas palavras e ações e, ainda, pelas suas características únicas. Com base no estudo espanhol¹²⁷, mas podendo afirmar que este poderá ser expandido para todo o mundo, o Papa Francisco é definido através de vários adjetivos como: valente (95,3%), inteligente (94,6%), próximo (94,3%), progressivo (73,6%), sendo de realçar que estas quatro qualidades apresentam um grande consenso, tanto por idades, como por identificação religiosa. É ainda interessante relacionar as duas qualidades mais indicadas, valentia e inteligência, na medida que a valentia poderia ser perigosa se fosse isolada. Contudo, agregada à inteligência, estas são enunciadas como essenciais para uma liderança equilibrada, especialmente de um guia para toda a Igreja. Rubén Cruz afirma que

“sem a menor dúvida, este conjunto de características definem perfeitamente não só o pontificado de Francisco até ao momento, mas toda a sua vida sacerdotal: uma valentia inteligente que

¹²⁵ R. CRUZ, “España Examina al Papa”, *Vida Nueva*, Nº3.074/4, Madrid, 10-16/4/2018, 10.

¹²⁶ *Ibidem*, 10.

¹²⁷ Realizado por Rúben Cruz. Universo: Censo Espanhol. Tamanho da amostra: 600 entrevistados. Trabalho de campo: 21 a 22 de fevereiro de 2018. Metodologia: Telefónica. Nível de confiança e erro amostral: para um nível de confiança de 95,5% (2sigmas), e para P=Q, o erro +e de +/- 4,01%, para o conjunto da amostra. Amostra: Por quotas de idade e religião a que pertence. Seleção aleatória proporcional. Estratificação por tamanho demográfico dos municípios. Idade: quatro grupos de idade (De 18 a 29 anos, 15,0%; De 30 a 44 anos, 24,3%; De 45 a 64 anos, 35,5%; De 65 ou mais anos, 25,2%. Género: Mulheres:51,7%, Homens: 48,3%. Estudo apresentado na revista *España Examina al Papa*, *Vida Nueva*, Nº3.074/4, Madrid, 10-16/4/2018.

nunca teve medo de dizer a verdade, a maior valentia no mundo atual tanto dentro como fora da Igreja, independentemente das consequências, mas conhecendo-as muito bem através dos seus dotes intelectuais, que já lhe eram reconhecidos no Episcopado argentino.”¹²⁸

Ser próximo é outra das qualidades identificadas no Papa Francisco, muito devido a ser humilde, sensato, à sua alegria (a alegria do Evangelho) e ao seu humor, que mostram o seu percurso educativo salesiano e pela sua inspiração em Francisco de Assis. É ainda de salientar como é positivo serem os jovens a atribuir-lhe esta característica.

Ser progressista é a menos votada das quatro qualidades, na medida em que se considera querer adequar a Igreja aos tempos e necessidades do mundo atual.

O Papa Francisco conseguiu recolocar a figura do Papa na sua verdadeira órbita de pastor da Igreja Universal, unindo as periferias geográficas e espirituais do mundo ao coração da Igreja e dedicando-se aos grupos mais marginalizados da sociedade, como os presos, os indígenas e os doentes. Francisco transformou-se a si mesmo e ao próximo com a sua abertura à misericórdia, sendo um modelo para as crianças, jovens e adultos de todo o mundo.

3.2. Visão do Papa Francisco sobre a pedagogia

O modo como Papa Francisco pensa a educação parte da sua experiência pessoal como homem cristão e da sua compreensão acerca da identidade e missão da Igreja e da escola.

Para o Papa Francisco a escola é o local onde cada um de nós aprende a viver, logo é fundamental compreender a forma como esta se apresenta para os alunos e cria o seu ambiente. O Papa Francisco afirma que

“...a escola é um dos ambientes educativos no qual crescemos para aprender a viver, para nos tornarmos homens e mulheres adultos e maduros, capazes de caminhar, de percorrer a vereda da vida. [...] na escola o elemento principal consiste em ser magnânimo. A magnanimidade: esta

¹²⁸ R. CRUZ, España Examina al Papa, 8.

virtude dos grandes e dos pequenos [...], que nos faz fitar sempre o horizonte! O que quer dizer ser magnânimo? Significa ter um coração grande, ter grandeza de espírito, quer dizer ter grandes ideais, o desejo de realizar maravilhas para responder àquilo que Deus nos pede e, precisamente por isso, realizar bem as atividades de cada dia, todos os trabalhos cotidianos, os compromissos, os encontros com as pessoas; cumprir as pequenas tarefas de cada dia com um coração grande, aberto a Deus e ao próximo. Então, é importante cuidar da formação humana, destinada à magnanimidade. A escola não amplia apenas a vossa dimensão intelectual, mas também a humana”¹²⁹

No seu percurso como Bispo e como Papa, várias foram as vezes em que se dirigiu a alunos, professores ou educadores, deixando de mensagens de motivação para a mudança, como em 2015, no seu discurso à União Católica Italiana de Professores, Dirigentes, Educadores e Formadores. Nessa ocasião, afirmou:

“Encorajo-vos a renovar vossa paixão pelo homem – não se pode ensinar sem paixão! – no seu processo de formação, e a ser testemunhas de vida e de esperança. Nunca, nunca fecheis as portas; ao contrário, escancarai-as todas, a fim de que os estudantes tenham esperança!”¹³⁰

O mesmo se pode reconhecer, abordando os problemas educacionais, no seu discurso ao Congresso Mundial de Educação Católica, em 2015. No qual afirmou que

“Educar cristãmente é levar por diante os jovens, as crianças nos valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é a transcendência [...] a maior crise da educação, na perspectiva cristã, é este fechamento à transcendência... Nenhum tipo de fechamento beneficia a educação.”¹³¹

Em 2017, o Papa Francisco, no texto intitulado ‘Educar para o humanismo solidário, desafia mesmo as instituições a “humanizar a educação” num cenário global. Aí, afirma ser necessário “humanizar a educação, ou seja, torná-la um processo em que cada pessoa possa

¹²⁹ FRANCISCO, *Respostas do Santo Padre Francisco às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia* (consultado em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html, a 23 de maio de 2018).

¹³⁰ FRANCISCO, *Papa Francisco desafia professores a estar presentes nas periferias* (consultado em <http://www.educris.com/v2/emrc/4879-papa-francisco-desafia-professores>, a 23 de maio de 2018).

¹³¹ FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco aos participantes no congresso mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica com o tema: "Educar hoje e amanhã. uma paixão que se renova"* (consultado em <https://www.educris.com/v2/centrorecursos/download.php?t=doc&f=papa>, a 23 de maio de 2018).

desenvolver as próprias atitudes profundas, a própria vocação e assim contribuir para a vocação da própria comunidade.”¹³²

São inúmeras as indicações e afirmações sobre a educação realizadas pelo Papa Francisco. Assim, para melhor compreendermos a sua perspetiva da pedagogia, bem como de Jesus, como Mestre pedagogo, vamos analisar 5 dos seus maiores documentos: *Lumen fidei*, *Evangelii gaudium*, *Laudato Si'*, *Amoris Lætitia e Gaudete et Exsultate*.

Lumen fidei

Na Carta Encíclica *Lumen Fidei*, o Papa Francisco reforça a importância do gesto da pessoa de Jesus como Mestre, no que se refere à transmissão da fé e através do Batismo. Poder-se-á, a este respeito, realizar um paralelismo com a educação, pois esta é igualmente baseada em gestos e na transmissão de conhecimentos que terão implicação na vida. O Papa Francisco refere-se ao Batismo, como exemplo concreto de um gesto sacramental e simbólico, praticado por Jesus Cristo e mantido ao longo dos tempos pela sua importância como símbolo e gesto de o homem se tornar filho de Deus e receber toda a sua doutrina que deve professar.

“A transmissão da fé verifica-se, em primeiro lugar, através do Batismo. Poderia parecer que este sacramento fosse apenas um modo para simbolizar a confissão de fé, um ato pedagógico para quem precise de imagens e gestos, e do qual seria possível fundamentalmente prescindir. Mas não é assim, como no-lo recorda uma palavra de São Paulo: ‘Pelo Batismo fomos sepultados com Cristo na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova’ (*Rm* 6, 4); nele, tornamo-nos nova criatura e filhos adotivos de Deus.”¹³³

Verifica-se que o Papa Francisco olha para os gestos e símbolos como um ato pedagógico para fundamentar algo, neste caso particular a confissão de fé. Reforçando a imagem da imersão na água que se realiza no Batismo, em que a água,

¹³² VERSALDI, G., *Educar ao Humanismo Solidário* (consultado em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html, a 23 de maio de 2018).

¹³³ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, Diel, Lisboa, 2013, 41.

“é, simultaneamente, símbolo de morte, que nos convida a passar pela conversão do ‘eu’ tendo em vista a sua abertura a um ‘Eu’ maior, e símbolo de vida, do ventre onde renascemos para seguir Cristo na sua nova existência.”¹³⁴

Evangelii Gaudium

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco começa por afirmar, perante a Igreja e para toda a Igreja, a importância de seguir Jesus, como modelo e Mestre e dedicar-se a todos sem exceção. “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo.”¹³⁵ Afirma, igualmente, a sua preocupação pela forma de evangelização, reforçando que é de extrema importância existir empenho por parte do orador, professor, educador para apresentar a mensagem de forma adequada, logo utilizando os melhores métodos e meios para chegar ao próximo.

“Alguns acreditam que podem ser bons pregadores por saber o que devem dizer, mas descuidam o como, a forma concreta de desenvolver uma pregação. Zangam-se quando os outros não os ouvem ou não os apreciam, mas talvez não se tenham empenhado por encontrar a forma adequada de apresentar a mensagem. Lembremo-nos de que ‘a evidente importância do conteúdo da evangelização não deve esconder a importância dos métodos e dos meios da mesma evangelização.’”¹³⁶

O Papa Francisco aprofunda ainda a análise do ensino (ou da pregação, como ele denomina) fundamentando que o recurso a imagens torna mais compreensível a mensagem e leva a um entendimento facilitado, pois as imagens permitem uma melhor transmissão e um melhor acolhimento ao estimularem o ouvinte ao aprofundamento, compreensão e interiorização do transmitido.

“Um dos esforços mais necessários é aprender a usar imagens na pregação, isto é, a falar por imagens. Às vezes usam-se exemplos para tornar mais compreensível algo que se quer explicar,

¹³⁴ FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, 42.

¹³⁵ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulus, Lisboa, 2013, 23.

¹³⁶ *Ibidem*, 156.

mas estes exemplos frequentemente dirigem-se apenas ao entendimento, enquanto as imagens ajudam a apreciar e acolher a mensagem que se quer transmitir. Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar, próximo, possível, relacionado com a própria vida. Uma imagem apropriada pode levar a saborear a mensagem que se quer transmitir, desperta um desejo e motiva a vontade na direção do Evangelho. Uma boa homilia, como me dizia um antigo professor, deve conter ‘uma ideia, um sentimento, uma imagem.’¹³⁷

Reforça igualmente a importância da utilização de uma linguagem clara, coerente e lógica e que vá de encontro ao ouvinte. Além disso, requer-se uma linguagem positiva que atraia pela sua esperança e que oriente para o futuro.

“O maior risco dum pregador é habituar-se à sua própria linguagem e pensar que todos os outros a usam e compreendem espontaneamente. Se se quer adaptar à linguagem dos outros, para poder chegar até eles com a Palavra, deve-se escutar muito, é preciso partilhar a vida das pessoas e prestar-lhes benévola atenção. A simplicidade e a clareza são duas coisas diferentes. A linguagem pode ser muito simples, mas pouco clara a pregação. Pode-se tornar incompreensível pela desordem, pela sua falta de lógica, ou porque trata vários temas ao mesmo tempo. Por isso, outro cuidado necessário é procurar que a pregação tenha unidade temática, uma ordem clara e ligação entre as frases, de modo que as pessoas possam facilmente seguir o pregador e captar a lógica do que lhes diz.”¹³⁸

Laudato Si'

Na Carta Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco refere-se, particularmente, à educação ambiental. Contudo, o apresentado pode ser aplicado a toda a educação. Francisco alerta que, hoje, a educação ambiental tem de ir para além da consciencialização e prevenção de riscos, tendo de incluir os “mitos” da modernidade (individualismo, concorrência, consumismo), bem como “recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus.”¹³⁹ Para tal, é fundamental que os educadores sejam capazes de ser Mestres no itinerário pedagógico, para que os alunos efetivamente cresçam e desenvolvam capacidades nestas áreas. Como

¹³⁷ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 157.

¹³⁸ *Ibidem*, 158.

¹³⁹ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'*, Paulus, Lisboa, 2015, 210.

refere o próprio Papa Francisco, “há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos numa ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão.”¹⁴⁰ Neste sentido, é importante compreender que não bastam leis e normas que obriguem a realização de determinados comportamentos, sendo fulcral que cada membro da sociedade acolha e se motive para a transformação desejada. Seria ótimo que a educação fosse capaz de motivar para estas transformações, até se tornar um estilo de vida. Neste assunto em particular, a escola mostra-se um pilar nesta formação, tal como Papa Francisco afirma na encíclica: “uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida.”¹⁴¹

Amoris Lætitia

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia* sobre o amor na família, o Papa Francisco refere-se a outra dimensão educativa e pedagógica que deve ser tida em consideração no delinear dos projetos educativos e que Jesus apresenta igualmente na sua pedagogia, sendo ela a educação moral e a permissão da liberdade de escolha de cada um para os seus caminhos e estilos de vida. Jesus era um Mestre seguido por muitos que escolhem segui-Lo e igualmente seguir a sua forma de vida simples, desprendida de luxos e dedicada ao próximo. O Papa Francisco enuncia que

“a liberdade é algo de grandioso, mas podemos perdê-la. A educação moral é cultivar a liberdade através de propostas, motivações, aplicações práticas, estímulos, prémios, exemplos, modelos, símbolos, reflexões, exortações, revisões do modo de agir e diálogos que ajudem as pessoas a desenvolver aqueles princípios interiores estáveis que movem a praticar espontaneamente o bem.”¹⁴²

¹⁴⁰ FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'*, 210.

¹⁴¹ *Ibidem*, 213.

¹⁴² FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Lætitia*, Paulus, Lisboa, 2016, 267.

Estas palavras são o reforço da importância de uma educação moral para a prática do bem, mas é interessante realçar que o Papa Francisco foca que esta aprendizagem se faz através da prática, nomeadamente através da motivação, estímulos que são dados pelos exemplos e modelos que são seguidos pelos educandos. Por isso, é de extrema relevância seguir o exemplo de Jesus Cristo e do próprio Papa que são Mestres e modelos pelas palavras e pelas suas ações. A coerência entre ambas proporciona aprendizagens e formata estilos de vida.

Gaudete et Exsultate

Por último, a Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* permite compreender melhor a perspectiva do Papa Francisco sobre a pedagogia de hoje e de Jesus. Francisco refere que a melhor forma de compreender a mensagem é

“voltar às palavras de Jesus e recolher o seu modo de transmitir a verdade. Jesus explicou, com toda a simplicidade, por exemplo o que é ser santo e fê-lo quando nos deixou as bem-aventuranças (cf. Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-23).”¹⁴³

Francisco, aprofundando a ideia de Jesus como Mestre, alerta para a necessidade de o escutar e de colocar em prática as suas palavras. “Voltemos a escutar Jesus, com todo o amor e respeito que o Mestre merece. Permitamos-Lhe que nos fustigue com as suas palavras, que nos desafie, que nos chame a uma mudança real de vida.”¹⁴⁴ Ele reforça ainda que é necessário “escutar o Mestre fazendo da sua palavra farol para os nossos passos, luz para o nosso caminho.”¹⁴⁵

Em suma, para o Papa Francisco a escola é um local privilegiado para a educação e formação integral das crianças e jovens. O educador deverá olhar para o exemplo de Jesus, que foi um Mestre na divulgação da sua mensagem e conseguiu chegar a todos através das suas palavras

¹⁴³ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, Paulus, Lisboa, 2018, 63.

¹⁴⁴ Ibidem, 66.

¹⁴⁵ Ibidem, 156.

e ações simples e que tocavam a todos de forma especial. Seguindo o seu exemplo, o educador deverá adaptar-se a quem o rodeia, usando os métodos pedagógicos adequados ao seu público, tendo sempre presente que as suas palavras e ações têm de apresentar uma só linha de pensamento e ação.

3.3. Jesus, um marco na história, Papa Francisco, exemplo vivo

Jesus marcou a história e, como apresentado anteriormente, é um Mestre reconhecido por todos, desde seguidores, povo e elementos da sociedade com elevada posição social, tanto religiosa, como política do seu tempo. Ele marcou pela sua coerência entre ações e palavras, pela sua forma de vida, pelo que representou para o povo, pelos seus milagres e por ser presença viva de Deus, junto dos Homens.

Jesus é, igualmente, exemplo de pedagogo que diferiu dos restantes pedagogos da sua altura, sendo, ainda hoje usado como exemplo a seguir, tal como verificado na pessoa do Papa Francisco.

Jesus foi uma nova luz para o povo, apresentando um novo rumo através da sua forma de ensinar, fundamentada no amor ao próximo e na realidade existencial de cada indivíduo. Ele assim o afirma: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim” (Jo 14, 6). A sua pedagogia parte do concreto ao abstrato, do conhecido ao desconhecido e deixa a todos os educadores, de todos os tempos, o verdadeiro fim da educação, como de toda a vida. “Com efeito, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se perde a própria vida?” (Mc 8, 36). Os educadores são assim chamados a ensinar no todo, para que o discente cresça integralmente.

Como modelo de educador, Jesus sabia escutar, relacionar-se e dialogar com o povo. Ele conhecia as consequências das suas palavras e o objetivo das mesmas. Com humildade e determinação provocava a reflexão dos ouvintes nas mensagens que transmitia. Sendo de

realçar que se dirigia a todos, dedicando-se a combater as injustiças sociais e “denunciando essas divisões injustas, Jesus convida as pessoas a se definirem frente aos novos valores do amor e da justiça.”¹⁴⁶ Ele propõe uma educação que pretende uma mudança de dentro para fora, ou seja, quer transformar a alma do homem, a sua maneira de pensar o mundo e a si mesmo.

Na atualidade, Jesus é exemplo de missão didático-pedagógica e de uma vida humana plena, que nos chama a viver o amor.

Refletindo sobre os atos pedagógicos podemos perceber que existe uma relação muito estreita entre a pedagogia de Jesus e a do Papa Francisco.

Jesus, como pedagogo, procura a sua ligação à terra, ao quotidiano de quem o ouvia, isto é, a sua pedagogia parte da realidade existencial de cada pessoa. Também o Papa Francisco parte da sua proximidade ao outro para transmitir a sua mensagem de esperança. Ambos apresentam como método educativo o interesse verdadeiro pelo próximo, buscando ajudá-lo, apresentando um espírito missionário, sendo até repetido várias vezes por Jesus que viera para servir e não para ser servido, “pois o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir e para dar a Sua vida como resgate em favor de muitos” (Mt 20, 28). Também Francisco mostra este espírito missionário desde o primeiro momento de Papa.

O Papa Francisco surpreende a cada dia pelas suas práticas e formas diferenciadas de espalhar a sua palavra, à semelhança de Jesus que não tinha maneira fixa de ensinar, adaptando-se à situação e ao objetivo que apresentava para aquele momento, pois pretendia que o ouvinte meditasse e escolhesse o seu caminho.

Jesus, tal como atualmente o Papa Francisco, apresenta uma maneira peculiar de ensinar, de contagiar multidões ao seu redor, com as suas palavras. A sua visão da vida cativa e aproxima todos ouvintes.

¹⁴⁶ C. MESTERS, *Com Jesus na contramão*, Paulinas, São Paulo, 1995, 87.

Com o Papa Francisco relembremos a pedagogia de Jesus, pois reconhecemos que a sua centralidade está na pessoa, no bem absoluto do Reino e no valor da vida quotidiana. Revemos nele, igualmente, a ética que Jesus usava para a pregação, a sua radical obediência à vontade de Deus.

“Jesus resume a sua ética num amor que é consequência do verdadeiro encontro com Deus: ‘Amarás o senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua mente, e com todas as tuas forças... e amarás o teu próximo como a ti mesmo’” (Mc 12,30-31).”¹⁴⁷

Para o Papa Francisco, “educar é necessariamente formar para a vida. Para isso, é necessário eleger a vida e reconhecê-la como dom único e insubstituível.”¹⁴⁸ Afirma, igualmente, que educar exige paixão e que

“o prazer de educar deve vir do colocar-se diante do discípulo como alguém que quer transmitir algo, transmitir experiência, vida. Mas também quer receber e trocar sabedoria. Ninguém é uma folha em branco, nós temos as nossas histórias, as nossas bagagens culturais e familiares. Aquele que reconhece a riqueza do outro, esse sim poderá ser um bom educador, será alguém apaixonado pelo ofício.”¹⁴⁹

Assim, ambos os pedagogos Jesus e Papa Francisco realçam a importância de dar espaço para que as pessoas se expressem e partilhem as suas ideias e necessidades, sendo para tal importante a comunhão entre todos. Por isso, Jesus utilizou os encontros ao redor da mesa como ferramenta pedagógica, pois o diálogo é igualmente, ferramenta para aprendizagem. Através destes momentos Jesus lançava perguntas que são também fonte de conhecimento. Lucas mostra-nos o rico intercâmbio de perguntas entre Jesus e o intérprete da lei. Este perguntou: “Mestre, que devo fazer para receber a herança a vida eterna’ Jesus disse-lhe ‘O que é que está escrito na Lei? Como é que lês?’” (Lc 10, 25-26). Jesus utiliza assim uma tripla modalidade: pergunta-reflexão-conclusão.

¹⁴⁷ E. RENAN, *Vida de Jesus*. Ed. Martin Claret Ltda, São Paulo, (sem data), 425.

¹⁴⁸ J. BERGOGLIO, *Educar: Escolher a Vida e Testemunhar a Verdade*, 7 (consultado em <http://www.avemaria.com.br/loja/images/pdf/341.pdf> a 16 de julho de 2018).

¹⁴⁹ *Ibidem*, 7.

Todas estas semelhanças entre Jesus e o Papa Francisco são notórias porque o modelo que o Papa Francisco segue como educador é o próprio Jesus. Jesus é exemplo, pois acredita na mensagem que anuncia, respeita e acolhe as diferenças e características de cada um, olhando para todos com misericórdia e pretendendo ainda, libertar todas as pessoas para uma vida em plenitude.

É ainda relevante salientar que, na perspectiva de Jesus, no processo de ensino é fundamental a participação ativa do ouvinte, pois os discípulos da altura e hoje os alunos aprendem à medida que interagem e dialogam com o Mestre. Muito aprendem, como ficou dito, através do exemplo, que é uma ferramenta fundamental para moldar a formação, isto é, a forma de vida e coerência das palavras e ações de Jesus, bem como do Papa Francisco fundamentam a sua autoridade magistral e moral. O próprio Papa Francisco, no seu livro *“Educar: Escolher a Vida e Testemunhar a Verdade”* chama a atenção para esta relevância do exemplo, baseando-se na passagem bíblica

“Além disso, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável, eis o que deve ocupar vossos pensamentos. O que aprendestes, recebestes, ouvistes e observastes em mim, isto praticai, e o Deus da paz estará convosco” (Fl 4,8-9).

Assim, pode ser afirmado que Jesus e o Papa Francisco são hoje dois exemplos a ser seguidos pelo professor na sua jornada pedagógica junto dos alunos, pois ambos transmitem valores e formas pedagógicas de comunicar conhecimentos e comportamentos. Isto permite ir ao encontro de uma formação integral do aluno, objetivo central da educação em geral e da EMRC, em particular.

Os exemplos de Jesus e do Papa Francisco são de extrema relevância para o professor, pois a verdadeira educação só acontece quando se educa com o coração. Assim, o professor poderá ter em conta estes modelos aquando da planificação das suas aulas, construindo gradualmente o seu próprio perfil como docente.

Se o professor segue o exemplo destes dois Mestres como linha condutora, deve igualmente dar a conhece-los, em sala de aula, possibilitando que também os alunos os conheçam e se identifiquem com eles.

A Unidade Letiva 2, do 6º ano “Jesus um homem para os outros” mostra-se assim uma unidade letiva que potencia este conhecimento destes dois Mestres. Por um lado, conhecem a vida de Jesus, identificam-no como núcleo central do cristianismo e do catolicismo e compreendem que ele foi um marco na história, para católicos e não católicos. Por outro lado, ao professor utilizar como estratégia os exemplos, ações e palavras do Papa Francisco, torna atual a presença e ensinamentos de Jesus e permite aproximar dos alunos, os ensinamentos que o professor quer transmitir na unidade letiva, em especial na meta “M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano”¹⁵⁰ e no objetivo “5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.”¹⁵¹ Ou seja, a unidade letiva potencia, de forma clara, o conhecimento de Jesus, pois é a ele que se refere. Contudo, sendo o Papa Francisco a presença viva de Jesus entre nós, a unidade letiva, indiretamente, leva que seja apresentado o Papa e a sua forma de vida cristã e exemplo vivo cristão. Sendo uma mais valia esta presença do exemplo do Papa para que os alunos se identifiquem com a mensagem, pois é alguém que podem contactar e conhecer no seu dia a dia. Não só através das suas ações, o testemunho do Papa Francisco é facilitador para o professor alcançar as metas da unidade letiva, também a partir das suas palavras, da forma como elas realçam a mestria de Jesus e a sua relevância para a humanidade. Assim, também o professor reconhece ser importante que

¹⁵⁰ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, C. SÁ CARVALHO; D. PEDRINHO; E. URBANO; F. MOITA; J. AMBROSIO, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

¹⁵¹ *Ibidem*, 66.

“voltemos a escutar Jesus, com todo o amor e respeito que o Mestre merece. Permitamos-Lhe que nos fustigue com as suas palavras, que nos desafie, que nos chame a uma mudança real de vida. Caso contrário, a santidade não passará de palavras.”¹⁵²

O professor encontra ainda, no ensino do Papa Francisco e nos exemplos claros das atitudes que se procura no cristão por ele descritos um elemento estimulante para o trabalho com os alunos:

“Quando encontro uma pessoa a dormir ao relento, numa noite fria, posso sentir que este vulto seja um imprevisto que me detém, um delinquente ocioso, um obstáculo no meu caminho, um aguilhão molesto para a minha consciência, um problema que os políticos devem resolver e talvez até um monte de lixo que suja o espaço público. Ou então posso reagir a partir da fé e da caridade e reconhecer nele um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isto é ser cristão!”¹⁵³

O seu ensino e testemunho, permitem ainda ao docente reafirmar que

“A força do testemunho dos santos consiste em viver as bem-aventuranças e a regra de comportamento do juízo final. São poucas palavras, simples, mas práticas e válidas para todos, porque o cristianismo está feito principalmente para ser praticado e, se é também objeto de reflexão, isso só tem valor quando nos ajuda a viver o Evangelho na vida diária. Recomendo vivamente que se leia, com frequência, estes grandes textos bíblicos, que sejam recordados, que se reze com eles, que se procure encarná-los. Far-nos-ão bem, tornar-nos-ão genuinamente felizes.”¹⁵⁴

Mais uma vez é reforçada a ideia da prática e do equilíbrio entre ações e palavras e é aqui que a presença dos exemplos de hoje do Papa Francisco chegam aos jovens, pois podem vê-lo e segui-lo. Trata-se de alguém vivo, que transmite uma mensagem e valores enquadrados nos dias de hoje e que se adequa a cada cultura e comunidade.

Em suma, Jesus e o Papa Francisco são fonte de luz pedagógica para alunos e docentes alcançarem o grande objetivo da educação a formação integral do aluno.

¹⁵² FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, 66.

¹⁵³ *Ibidem*, 98.

¹⁵⁴ *Ibidem*, 109.

CONCLUSÃO

A educação é um desafio constante, pois cada escola apresenta um contexto diferente, o que desencadeia instigações variadas e uma necessidade de adaptação a novas realidades desencadeada pela escola e contexto escolar, bem como pelas reformas educativas.

Hoje, o docente é chamado a formar o aluno de forma integral e não simplesmente transmitir conteúdos, ou seja, tem influência tanto na componente cognitiva quanto na formação da personalidade do discente. É aqui que a EMRC se mostra uma forte aliada no processo educativo, ao permitir a realização do desenvolvimento e maturação do ser humano, isto é, o aluno através da disciplina e dos seus conteúdos programáticos potencia a sua capacidade de descobrir, reconhecer e se assumir como pessoa com identidade própria. Ele torna-se assim capaz de se relacionar com os outros, com o mundo e com a transcendência.

É neste sentido que o Colégio Amor de Deus (local da Prática de Ensino Supervisionada) fundamenta a obrigatoriedade de frequência na disciplina de EMRC e a sua valorização do caminho da fé para a educação dos alunos. Concretiza-se, deste modo, o objetivo de ser uma escola com um espírito de família, em que é dada extrema relevância ao aluno e ao seu crescimento integral, autonomia, responsabilidade, autenticidade e respeito por todos, dimensões fundamentadas no amor, na verdade e no bem. Neste mesmo sentido, a escola apresenta ainda, uma proposta pastoral que acompanha e envolve todo o percurso de aprendizagem regular.

A unidade letiva 2, “Jesus um homem para os outros”, vem ajudar na referida finalidade educacional da formação integral dos discentes, especificamente na dimensão religiosa da pessoa. Por ela cada aluno adquire as competências para a interpretação da Mensagem Cristã a partir da fé e fundamenta o seu sentido último da vida. A supracitada unidade letiva toca os três domínios da disciplina: religião e experiência religiosa, cultura cristã e visão da vida e

ética e moral, através de metas e objetivos específicos que se orientam para o conhecimento de todo o Cristianismo e, sobretudo, da pessoa de Jesus Cristo.

Jesus Cristo foi Mestre e pedagogo, numa era histórica muito particular em termos políticos, económicos, bem como religiosos. Jesus move-se e deixa a sua mensagem de amor a Deus e ao próximo. Para tal, reúne junto deles um grupo de discípulos, que tal como ele colocam o Evangelho e Deus acima de todas as coisas.

Ao longo da sua pregação, Jesus é reconhecido como Mestre por diversos grupos sociais, desde escribas e fariseus, os amigos, discípulos e ouvintes e ainda, ele próprio assim se nomeia. Jesus torna-se Mestre através da sua atividade de magistério, ensinou todos os que o queriam ouvir, mulheres, doentes, marginalizados, incultos, pecadores, bem como aos seus discípulos, instruindo-os para a sua missão e confrontou ainda, os que a ele e a Deus, seu Pai, se opunham.

Como Mestre, Jesus apresenta características dos Mestres tradicionais da altura, nos conteúdos e também na forma como ensina, usando ditos e provérbios, parábolas e bem-aventuranças e o profundo respeito pela Lei. Contudo, não glorifica e absolutiza a Lei, vendo-a sim como um canal através do qual Deus se revela ao povo. É, igualmente, um Mestre profético que criticou a sabedoria convencional e as estruturas sociais da época, proclamando a palavra de Deus com paixão e autoridade. É Mestre de um estilo de vida, de um caminho concreto de transformação. Toda esta sabedoria que lhe permite ser chamado Mestre e ensinar com autoridade plena vem do Pai, tal como é indicado em inúmeros evangelhos em que é destacada a particular e intensa relação entre Eles, que se sustenta na oração.

Ainda como Mestre é exemplo de pedagogo, pois assenta a sua pedagogia na formação integral das pessoas para que estas alcancem a verdadeira felicidade. Ele ensinava sobre a vida, a partir da sua própria experiência e vivência e falando do coração e sendo coerente entre as suas ações e palavras. Jesus ensina de forma livre e criativa, vivendo de forma humilde, deixando as margens da sua família para abraçar a grande família de Deus, fazendo

frente às normas e barreiras religiosas, económicas e sociais que asfixiam a vida e afirmando que a Lei deveria estar ao serviço das pessoas e seguir a vontade de Deus.

Falar da pedagogia de Jesus é falar de amor, inclusão e inculturação. Este ensina um mandamento novo: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente; e ao teu próximo como a ti mesmo.” (Lc 10, 27). Procurava, assim, acolher todos da mesma forma.

Nas suas intervenções, Jesus pretende levar à reflexão, ao questionamento, à conversão e à revolução profunda do coração.

Na atualidade, verificamos esta mesma linha de pensamento e ação no Papa Francisco, primariamente por ele apresentar como modelo ideal o próprio Jesus, chamando a atenção da Igreja para seguir o exemplo do seu Mestre e Pastor e apelando ao diálogo, à edificação da paz, à construção de pontes e à luta contra a pobreza material e espiritual. Também no seu percurso e na sua forma de vida, mesmo antes de ser Papa, mostrava a sua humildade, humanidade e proximidade com o próximo, em especial com os pobres, afirmando mesmo que é um elemento do seu povo. Também na escolha de ser chamado de Francisco, mostra a sua perspetiva e inspiração num homem da pobreza, da paz e que ama e guarda a criação, bem como em inúmeros comportamentos que marcam pela diferença e cativam pela sua espontaneidade, modéstia, inteligência e exemplo. O Papa Francisco é assim, acarinhado por católicos, não católicos e não crentes tendo sido notória a mudança de relação de indivíduos e comunidades com a Igreja

No que se refere à pedagogia, o Papa Francisco fundamenta a sua posição na sua experiência pessoal, tal como Jesus. Defendendo que é fundamental compreender como a escola se apresenta para os alunos e cria o seu ambiente, pois é um dos locais em que os homens e mulheres aprendem a viver, sendo essencial que os docentes sejam apaixonados pelo homem e testemunhas de vida e de esperança. Para tal, reforça a relevância dos gestos e símbolos, para a formação e identificação, sendo importante seguir o exemplo de Jesus que saía para

anunciar o Evangelho e se adequava aos ouvintes. Bem como, o recurso a imagens e a uma linguagem clara, coerente e lógica que tornam a mensagem compreensível e facilitam o entendimento. Reforça, ainda, que o docente tem de ter a capacidade de reorganizar o percurso pedagógico para cativar e motivar à transformação, pois a obrigatoriedade não basta para o crescimento do discente, sendo esta transformação realizada de forma livre, através da sua liberdade de escolha e para tal é essencial a educação moral para a prática do bem, em que o Papa realça que a esse nível é importante a prática, nomeadamente através das propostas motivações, estímulos que são dados pelos exemplos e modelos dos Mestres e educadores.

Jesus marcou a história desde o seu nascimento e ainda hoje é visto como exemplo por muitos, entre eles o Papa Francisco e, é o próprio Papa que afirma que Jesus é um Mestre e modelo de educador, pois sabia escutar, se relacionar e dialogar com o povo, partindo do quotidiano de cada um. Hoje são ambos, exemplo de genuína preocupação com o próximo e para tal, são Mestres que iluminam o professor de EMRC, tanto na planificação das suas aulas, como no seu perfil. Assim, a UL 2 “Jesus um homem para os outros”, de 6º ano mostra uma dupla potencialidade: se por um lado leva ao docente a refletir sobre a imagem de Jesus e do Papa, por outro permite partilhar todo o exemplo que Jesus foi na sua época, através da sua identificação como centro do cristianismo e do catolicismo, mas também a revê-lo nas palavras e ações atuais do Papa Francisco que os alunos se sentem facilmente próximos pelos seus comportamentos e pelas suas palavras.

Assim, podemos concluir que o aprofundamento da vida de Jesus Cristo, desde a compreensão dos vários contextos históricos, nomeadamente político, social e religioso, o seu estilo de vida e dos seus discípulos permite uma melhor lecionação da unidade letiva, ao fundamentar o que é exposto aos alunos pelo docente, com base nos vários conteúdos programáticos. Isto é, o conhecimento sólido e fundamentado permite ao docente uma maior liberdade e confiança na lecionação, estando este mais predisposto para o diálogo com os

discentes, tornando a aula um momento de partilha e esta mais interativa, levando à motivação dos alunos para o lecionado.

No que se refere à pedagogia de Jesus, com base no anteriormente exposto, o docente pode enriquecer a sua forma de lecionação com base na experiência de um grande Mestre que foi seguido por multidões. O docente ao compreender o comportamento e as várias formas de transmissão da mensagem, pode adaptar aos dias de hoje estas estratégias. Sendo ainda, de reforçar que para falar e apresentar Jesus necessitava também deste conhecimento sobre a sua pedagogia, pois foi através dela que Jesus chegou ao povo e hoje é igualmente através dos seus ensinamentos que é transmitida toda a mensagem cristã. Este aspeto é vivenciado na UL, pois a mesma está repleta de parábolas que foram referidas por Jesus e que são aprofundadas em sala de aula e para tal, é fundamental que o docente conheça o seu conteúdo, bem como a intenção que Jesus queria partilhar com a sua apresentação, só assim, poderá transmitir a correta interpretação das mesmas.

No que se refere ao Papa Francisco a sua relevância na lecionação da UL, vem dar resposta à necessidade de tornar atual e viva a mensagem de Jesus aos olhos dos discentes, ou seja, através da exploração, em sala de aula, do exemplo do Papa Francisco, da sua forma de vida e como chega a todos católicos e não católicos, como comprovado no estudo apresentado anteriormente, permite ao docente apresentar outro exemplo de vida vivência de forma cristã e este atual, cativando e captando a atenção dos discentes para os conteúdos lecionados e assim, alcançar os objetivos e metas da UL de forma mais motivante e facilitada.

Na atualidade, o Papa Francisco apresenta uma elevada popularidade pela sua proximidade ao povo e pela sua simplicidade. Esta proximidade foi igualmente, verificada em sala de aula com a utilização de alguns dos seus exemplos de misericórdia. Os alunos rapidamente os identificaram e se recordaram de outros momentos semelhantes, sendo ainda de realçar que facilmente referiram os ensinamentos e valores a retirar desses momentos e quando, posteriormente, foram questionados sobre os mesmos recordavam-se prontamente do

lecionado, bem como das aprendizagens retiradas dos vários momentos da vida do Papa que tinham sido apresentados.

Deste modo, pode ser concluído que a UL 2 “Jesus um homem para os outros”, que é imensamente rica em conteúdo e fundamental para o reconhecimento da essência do cristianismo poderá ser enriquecida com a realização de um paralelismo entre Jesus e o Papa Francisco. Este paralelismo é facilitado pelo reconhecimento do exemplo de bom cristão e da proximidade que o Papa Francisco apresenta dos alunos, bem como dos docentes e da comunidade em geral.

Realço ainda que em termos pedagógicos o percurso de lecionação enriquecido por exemplos vivos vai de encontro à evolução e maturação psicológica dos discentes por estes se apresentarem num período de crescimento em que deixam as operações concretas, estando despertos para observar para além dos objetos, ou seja, do que é concreto. Assim, a presença do exemplo do Papa Francisco em sala de aula permite atualizar a história Jesus, principalmente no que se refere à transmissão dos valores cristãos que foram expostos por Jesus e que hoje, o professor de EMRC pretende igualmente transmitir e que é o seu grande desafio, explicar e demonstrar a beleza da vivência com base no valores cristãos. O Papa Francisco é uma arma poderosíssima pela sua ampla e global dimensão, por ser o representante máximo da Igreja Católica e por estimular a compreensão da mensagem e exemplo de Cristo a uma diversidade de públicos de uma forma sincera e singela.

BIBLIOGRAFIA

I- DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

- FRANCISCO, Carta Encíclica *Lumen Fidei*, Diel, Lisboa, 2013.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulus, Lisboa, 2013.
- FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'*, Paulus, Lisboa, 2015.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Lætitia*, Paulus, Lisboa, 2016.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, Paulus, Lisboa, 2018.
- JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, Edição Paulinas, São Paulo, 1979.

II- OUTROS TEXTOS

- AA.VV. *Ensino Religiosa Escolar*, Instituto Superior de Ciências Religiosa a Distancia “San Agustin”, Madrid, 2004.
- AFRICANO, M., “La educación religiosa escolar en un contexto plural”, *Franciscan Um*, v. LII, nº 154, jul-dez de 2010, 53-83.
- AGUIAR, J. “Aprendizagem Observacional”, *Revista de Educação*, v.3 n.5, nov. 1998.

- AMBROSIO, J., *O ERE na União Europeia- Breve Olha*, texto publicado para uso dos alunos na disciplina de Didática Especifica de EMRC, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017.
- ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008.
- BANDURA, A.; AZZI, R.; POLYDORO, S., *Teoria Social Cognitiva- Conceitos Básicos*, Artmed, Porto Alegre, 2008.
- COHN-SHERBOK, D., *Judaísmo*, Edições 70, Lisboa, 1999.
- CRUZ, R. “Espanha Examina al Papa”, *Vida Nueva*, n.º3.074/4, 10-16/4/2018, 8-15.
- DAUSÁ, A., *Encuentros com el maestro- La pedagogia de Jesús de Nazaret*, Editorial Caminos, Havana, 2002.
- DODD, C., *Las Parábolas del Reino*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1974.
- ESCLARÍN, A., *Jesús Maestro y Pedagogo*, Paulinas, San Pablo, 2008.
- GRENIER, B., *Jesú el Maestro*, San Pablo, Madrid, 1996.
- GIBB. N., “Dossier Educação”, *Nova Cidadania*, Ano XIX, n.º 62, Verão 2017, 30-34.
- GNILKA, J., *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999.
- INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS RELIGIOSA A DISTANCIA “SAN AGUSTIN”, *Ensino Religiosa Escolar*, Madrid, 2004.
- LOPES, K.; MENDES, R.; FARIA, V., (Orgs.), *Coleção proinfantil módulo II unidade 3 livro de estudo - vol. 2*. Ministério da Educação, Brasília, 2005.
- LIBÂNEO, J., *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. ed. Alternativa, São Paulo, 2004.
- MARTI, F.; GISPERT, C., *Enciclopédia da Psicologia-Vol. I*, Oceano, Lisboa, 1999.
- MESTERS, C., *Com Jesus na contramão*, Paulinas, São Paulo, 1995.

- NEVES, J., *55 perguntas sobre a Economia do nosso tempo*, Difusão Cultural, Lisboa, 1995.
- OTADUY, J., “La enseñanza religiosa escolar durante el pontificado de Juan Pablo II”, *Cadernos doctorales*, nº 15, 2006, 111-126.
- PIQUÉ, E., *Francisco Vida e Revolução*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2014.
- POSTMAN, N., *O Fim da Educação – Redefinindo o Valor da Escola*, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2002.
- PUIG, A. *Jesus Uma biografia*, Paulus, Lisboa, 2006.
- RENAN, E., *Vida de Jesus*. Ed. Martin Claret, São Paulo, sem data.
- SANCHES, M., *Cultura Organizacional. Um Paradigma de Análise da Realidade Escolar, Desenvolvimento do Sistema Educativo*, Ed. Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação, Lisboa, 1992.
- SCHEIN, E., *Organizational Culture and Leadership*, Jossey-Bass, San Francisco, 1991.
- SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, SÁ CARVALHO, C.; PEDRINHO, D.; URBANO, E.; MOITA, F.; AMBROSIO, J., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Almondina, Moscavide, 2014.
- SPRINTHALL, N.; SPRINTHALL, R., *Psicologia Educacional*, McGraw Hill, Lisboa, 1993.
- TEDESCU, J., *O Novo Pacto Educativo – educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2000.
- TEIXEIRA, A., “A cultura religiosa na Escola”, *Pastoral Catequética* 5, 2006, 41-67.
- YOUNG, M.. “Para que servem as escolas?”, *Educação e Sociedade*, V.28, n.º 101, set./dez. 2007, 1287-1302.

III- DOCUMENTOS ORGANIZACIONAIS DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

- COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Curricular 2017-2018* texto publicado para uso dos membros do colégio, Colégio Amor de Deus, Cascais, 2017.
- COLÉGIO AMOR DE DEUS, *Projeto Educativo das Escolas Amor de Deus – 2016*, texto publicado para uso dos membros do colégio, Colégio Amor de Deus, Cascais, 2016.

IV- WEBGRAFIA

- AZEVEDO, M., *A Teoria Cognitiva Social de Albert Bandura*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, 1997, consultado em <http://webpages.fc.ul.pt> a 17 de maio de 2018.
- BERGOGLIO, J., *Educar: Escolher a Vida e Testemunhar a Verdade*, consultado em <http://www.avemaria.com.br/loja/images/pdf/341.pdf> a 16 de julho de 2018.
- Biografia do Santo Padre Francisco consultado em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>, a 21 de maio de 2018.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A escola em Portugal educação integral da pessoa humana*, consultado em <http://www.conferenciaepiscopal.pt> a 10 de dezembro de 2017.
- FERRAZ, L., *Religião se Aprende na Escola*, consultado em <http://www.hottopos.com/mirand16/laragp.htm>, a 25 de abril de 2018.
- FRANCISCO, *Discurso do Papa Francisco aos participantes no congresso mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica com o tema: "Educar hoje e amanhã. uma paixão que se renova"*, consultado em

<https://www.educris.com/v2/centrorecursos/download.php?t=doc&f=papa>, a 23 de maio de 2018.

- FRANCISCO, *Papa Francisco desafia professores a estar presentes nas periferias*, consultado em <http://www.educris.com/v2/emrc/4879-papa-francisco-desafia-professores>, a 23 de maio de 2018.
- FRANCISCO, *Respostas do Santo Padre Francisco às perguntas dos representantes das escolas dos jesuítas na Itália e na Albânia*, consultado em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130607_scuole-gesuiti.html, a 23 de maio de 2018.
- SCHEIN, E., “*Coming to a New Awareness of Organizational Culture*”, *Sloan Management Review*, 25:2, 1984, consultado em <http://www.sietmanagement.fr> a 23 de novembro de 2017.
- VERSALDI, G., *Educar ao Humanismo Solidário*, consultado em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html, a 23 de maio de 2018.